

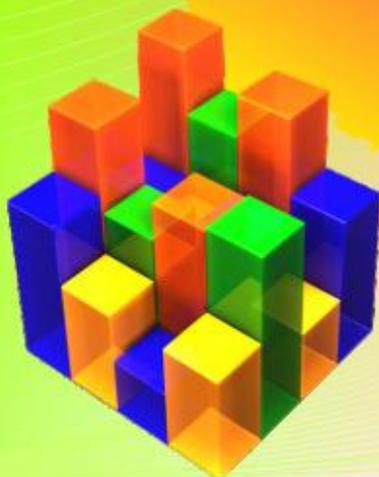


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

4º Trimestre de 2017



Fortaleza – Ceará
Março de 2018

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Sobreira de Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

Antônio Sérgio Montenegro Cavalcante – Secretário adjunto

Júlio Cavalcante Neto – Secretário executivo

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretor de Estudos Sociais – DISOC

João Mário de França

Diretor de Estudos Gestão Pública – DIGEP

Cláudio André Gondim Nogueira

IPECE Conjuntura – 4º Trimestre de 2017

Volume 6 – Nº 4 – Março/2018

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Elaboração:

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Rogério Barbosa Soares

Witalo de Lima Paiva

Colaboração:

Heitor Gabriel Silva Monteiro (Estagiário)

Lilian de Sousa Pereira (Estagiário)

Matheus dos Santos Carvalho (Estagiário)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) –
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -

Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA, 4

1.1. Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 4

1.2. Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 5

1.3. Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras, 7

2. ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE, 12

2.1. Produto Interno Bruto, 12

2.2. Agropecuária, 13

2.3. Indústria, 19

2.4. Serviços, 24

2.4.1 Pesquisa Mensal dos Serviços, 24

2.4.2 Comércio Varejista, 29

3. MERCADO DE TRABALHO, 35

3.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 35

3.2. Emprego Formal, 38

4. COMÉRCIO EXTERIOR, 404

5. FINANÇAS PÚBLICAS, 50

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 54

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia
Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,6%, conforme dados do FMI. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China;
- Na economia nacional, o PIB apresentou crescimento de 1,0% em 2017, com o bom desempenho da agropecuária (13%) sendo influenciada, principalmente, pela agricultura, com destaque para as lavouras do milho (55,2%) e da soja (19,4%). Na Indústria, destaque para a alta na indústria extrativa (4,3%), e a queda na construção (-5,0%);
- Com relação a economia cearense, no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, a economia cearense apresentou um crescimento de 3,24%. Este resultado consolida a recuperação da economia cearense iniciada no segundo trimestre de 2017. Para o ano de 2017, observa-se um crescimento de 1,87%, após dois anos de retração;
- O desempenho positivo da produção de grãos em 2017 foi influenciado pela quadra chuvosa que foi mais favorável do que a ocorrida em 2016, tendo em vista que quase toda a produção de grãos no estado do Ceará é realizada sob o regime de sequeiro;
- Após anos seguidos de redução na produção, a indústria cearense encerra o ano de 2017 com um crescimento alvissareiro. Ao longo do ano, a atividade acumulou resultados positivos e os números do último trimestre aumentam a confiança de uma retomada consistente e o início de um novo ciclo de expansão. Por outro lado, algumas incertezas continuam presentes e podem modificar a dinâmica de recuperação;
- Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros apresentaram ao longo de 2017 comportamento bem heterogêneo. Nos Serviços Prestados às Famílias, tido como um dos principais segmentos, registrou-se expressivo crescimento de 11,4% ao longo de 2017. Tal desempenho pode ter raízes associadas a conjuntura macroeconômica nacional: liberação das contas inativas do FGTS, inflação baixa e juros historicamente baixos, retomando, assim, parte da confiança das famílias;
- No que tange ao varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção no cômputo do índice de variação das vendas do varejo, é notório um movimento robusto de recuperação tanto nas vendas do varejo nacional quanto do varejo cearense, não obstante o ritmo mais lento no último;
- No âmbito do mercado de trabalho, dados da PNADC Contínua revelam que desde que atingiu a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. Neste quarto trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11%, um recuo de 3,3 p.p. com relação à máxima atingida de 14,3% no primeiro trimestre do ano;
- Dados do CAGED mostram que o estado do Ceará, apesar das contribuições positivas dos últimos dois trimestres do ano, o ano de 2017 fechou com saldo positivo de empregos celetistas. No entanto, semelhantemente ao ocorrido no país, o mercado de trabalho cearense também registrou um fechamento de vagas, embora bem inferior ao observado nos últimos dois anos, 2015 (-34.336 vagas) e 2016 (-37.194 vagas), reforçando a desaceleração do ritmo de fechamento de postos de trabalho com carteira assinada;
- No comércio exterior, o saldo da balança comercial cearense foi superavitário em US\$ 136,7 milhões no quarto trimestre de 2017, apresentando assim o melhor desempenho da série histórica iniciada em 2008. Dezembro foi o mês que apresentou melhor desempenho na balança comercial do ano, obtendo um superávit de US\$ 96 milhões;
- As receitas de ICMS, no quarto trimestre de 2017, atingiram o maior nível desde o 4º trimestre de 2014, sendo também possível constatar que, desde o segundo trimestre de 2017, as receitas de ICMS estão superiores as de 2016. Esse comportamento é um possível resultado da recuperação da economia local.

1 PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA

1.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,6%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do World Economic Outlook Update de outubro de 2017. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

De acordo com os dados da OCDE, o crescimento do PIB americano no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, foi de 2,5% (Tabela 1.1), resultado maior do que o registrado no quarto trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, quando registrou-se um crescimento de 1,8%. Esse bom desempenho é explicado pelos aumentos do investimento privado e do consumo das famílias, apoiados por uma forte confiança do setor privado, bem como pelo crescimento de transações no mercado de capitais, que somado aos baixos níveis de desemprego, taxa de juros (1,0%) e uma inflação esperada, para 2017, de 2,1%, leva a um crescimento real do PIB americano, em 2017, de 2,2%.

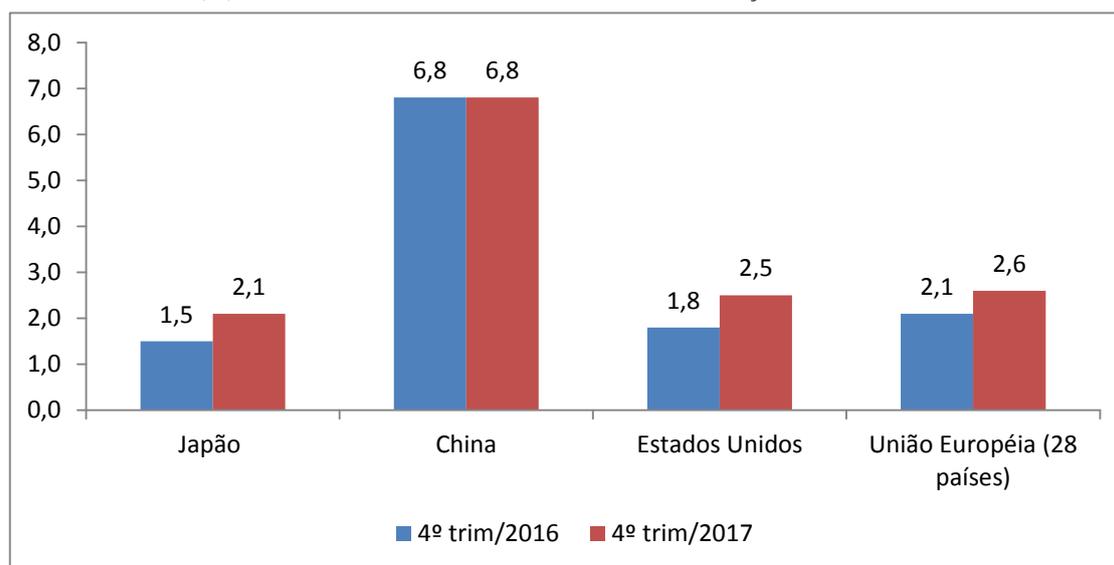
O crescimento de 2,6% do PIB da União Européia, no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, mostra-se num ritmo de recuperação da recessão européia iniciada em 2011, e que está sendo explicado pelos aumentos do investimento privado, consumo das famílias e exportações. França, Espanha e Alemanha foram os destaques de crescimento em 2017. O nível de confiança do setor privado está no mais alto nível desde o início dos anos 2000, e a taxa de desemprego diminuiu para 8,7%, a menor desde o início de 2009, e as exportações mais altas também estão apoiando o crescimento. A economia da União Européia, no ano de 2017, apresentou uma baixa inflação de 1,5% e uma taxa de juros nula. Esses fatores contribuíram para um crescimento do PIB na região, em 2017, de 2,4%.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,8% no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, resultado igual ao resultado registrado no quarto trimestre de 2016. Esse crescimento é explicado pelo forte investimento público em infraestrutura, pelo crescimento robusto do consumo das famílias e também em decorrência da melhoria da demanda externa. Esses fatores levam a uma projeção para o PIB da China, em 2017, de 6,9%.

A economia japonesa apresentou no quarto trimestre de 2017, em relação ao mesmo trimestre de 2016, um crescimento de 2,1%, resultado este superior para o mesmo período de 2016, onde verificou-se um valor de 1,5%. A economia japonesa cresce pelo oitavo trimestre consecutivo, totalizando dois anos de crescimento, sendo a segunda maior sequência de

crescimento desde o final da década de 80, quando o PIB cresceu por 12 trimestres consecutivos. O bom desempenho é explicado pelos aumentos das despesas das famílias, investimento em capital fixo das empresas e exportações. Esses fatores implicam, para o ano de 2017, em um crescimento de 1,6% no PIB da economia japonesa.

Gráfico1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 4º trim. 2017 em relação ao 4º trim. de 2016



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

1.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No quarto trimestre de 2017, o PIB do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um crescimento de 2,1% em relação ao quarto trimestre de 2016 (Tabela 1.1). Para o ano de 2017 o PIB apresentou um aumento de 1,0%.

Na análise do quarto trimestre de 2017, com relação ao quarto trimestre de 2016, dentre as atividades que contribuem para a geração do Valor Adicionado, a Agropecuária teve alta de 6,1%. Os produtos agrícolas com safras mais significativas e que registraram estimativa de crescimento na produção anual foram o fumo (29,0%) e a laranja (8,2%).

A Indústria cresceu 2,7%, puxada pela Indústria de transformação, que teve alta de 6,0%. A Construção caiu 1,6% no volume do valor adicionado, o décimo quinto trimestre consecutivo de queda. Indústrias extrativas também teve queda (-0,1%). Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos apresentou estabilidade (0,0%).

Tabela 1.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil – 4º Trim. 2016 e 2017 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)	2017
Agropecuária	-1,8	18,5	14,8	9,1	6,1	13,0
Indústria	-3,0	-1,0	-1,9	0,4	2,7	0,0
Extrativa Mineral	4,2	9,6	6,0	2,4	-0,1	4,3
Transformação	-3,4	-0,9	-0,9	2,4	6,0	1,7
Construção Civil	-8,0	-6,4	-7,1	-4,7	-1,6	-5,0
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	4,3	4,1	-0,5	0,2	0,0	0,9
Serviços	-2,3	-1,6	-0,2	1,0	1,7	0,3
Comércio	-3,5	-2,5	1,0	3,8	4,4	1,8
Transportes	-6,9	-2,1	-0,5	1,9	4,4	0,9
Intermediação						
Financeira	-4,0	-3,7	-1,7	0,0	0,3	-1,3
Administração Pública (APU)	-0,4	-0,7	-1,2	-0,8	0,3	-0,6
Outros Serviços	-2,4	-1,5	0,7	1,2	1,0	0,4
Valor Adicionado (VA)	-2,3	0,1	0,5	1,2	1,9	0,9
PIB	-2,5	0,0	0,4	1,4	2,1	1,0

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

O setor de Serviços subiu 1,7%, com destaque para as atividades de Transporte, armazenagem e correio (4,4%), Comércio – atacadista e varejista (4,4%), Atividades imobiliárias (2,1%) e Informação e comunicação (1,5%), Outras atividades de serviços (1,0%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (0,3%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (0,3%).

Na análise anual, a alta na Agropecuária, em 2017, decorreu, principalmente, do desempenho da agricultura, com destaque para as lavouras do milho (55,2%) e da soja (19,4%).

Na Indústria, destaque para a alta na indústria extrativa (4,3%), e a queda na Construção (-5,0%). Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e Indústria de transformação avançaram, respectivamente, 0,9% e 1,7%.

Entre as atividades que compõem os Serviços, Comércio cresceu 1,8%, seguido por Atividades imobiliárias (1,1%), Transporte, armazenagem e correio (0,9%) e Outras atividades de serviços (0,4%). Os principais resultados negativos foram Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-1,3%), Informação e comunicação (-1,1%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (-0,6%).

Na comparação do quarto trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016, trabalhando-se com as séries dessazonalizadas, o PIB do Brasil apresentou crescimento de 0,2% (Tabela 1.2).

Em relação aos setores da economia brasileira, a Agropecuária não apresentou crescimento (0,0%), a Indústria cresceu 1,0% e o setor de Serviços cresceu 0,6%. Na Indústria, houve expansões em todas as atividades, com exceção da Indústria extrativista (-0,2%) e destaque para o crescimento da Indústria de Transformação (1,7%). No setor de Serviços, todas as atividades apresentaram resultados positivos, com destaque para o crescimento do Comércio (1,7%).

Tabela 1.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior – Brasil – 4º Trim. 2016 e 2017 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)
Agropecuária	3,1	11,9	-2,7	-2,0	0,0
Indústria	-1,8	1,9	-0,7	1,0	0,5
Extrativa Mineral	1,2	1,7	-0,2	-0,2	-1,2
Transformação	-1,7	2,4	0,3	1,7	1,5
Construção Civil	-3,2	0,2	-1,9	0,2	0,0
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,5	1,2	-1,6	0,1	0,3
Serviços	-0,6	0,3	0,8	0,6	0,2
Comércio	-0,6	0,5	2,1	1,7	0,3
Transportes	-1,4	2,5	1,0	0,1	0,9
Intermediação Financeira	-0,6	-0,1	0,4	0,2	-0,3
Administração Pública (APU)	-0,8	-0,2	-0,2	0,3	0,4
Outros Serviços	-0,5	1,0	0,8	0,0	-0,7
Valor Adicionado (VA)	-0,6	1,4	0,2	0,2	0,1
PIB	-0,7	1,3	0,6	0,2	0,1

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior.

1.3 Inflação e Indicadores de Expectativas Futuras

O Gráfico 1.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos doze meses para o Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) de dezembro de 2016 a dezembro de 2017. No ano de 2017, o IPCA nacional acumulou alta de 2,95%, bem abaixo dos 6,29% registrado no ano de 2016 sendo, portanto, o menor acumulado desde 1998 (1,65%), de acordo com o IBGE. Na RMF, o acumulado de 2017 foi de 2,27%, também bem abaixo de 2016, quando havia registrado 8,34%.

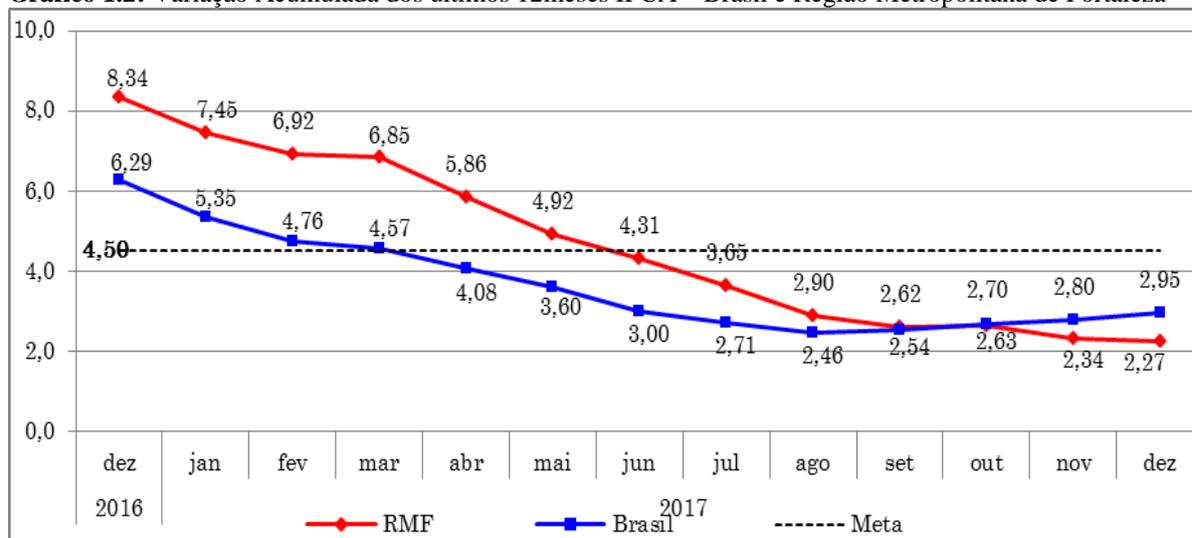
O Grupo Alimentação registrou deflação no ano de 1,87% no Brasil, enquanto na RMF a queda foi de 3,36%. Esse recuo de preços do grupo Alimentação e Bebidas é a primeira vez desde a implantação do Plano Real. Com maior peso na composição do IPCA, a forte queda no preço dos alimentos ocasionou desaceleração geral do índice.

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) destaca também que o comportamento da inflação permanece bastante favorável, com diversas medidas de inflação subjacente em níveis baixos, inclusive os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária.

Adicionalmente, o Comitê é unânime na avaliação de que a economia segue em trajetória de recuperação gradual, com avanços no emprego mesmo nessa fase inicial do processo. Essa conjuntura tem produzido elevação das projeções de crescimento para 2017 e para 2018, consistente com diagnóstico de que a retomada mostra-se mais consolidada.

Finalmente, foi enfatizado o entendimento de que a conjuntura econômica com expectativas de inflação ancoradas, medidas de inflação subjacente em níveis confortáveis, projeções de inflação um pouco abaixo da meta para 2018 e elevado grau de ociosidade na economia prescreve política monetária estimulativa, ou seja, com taxas de juros abaixo da taxa estrutural.

Gráfico 1.2: Variação Acumulada dos últimos 12 meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza

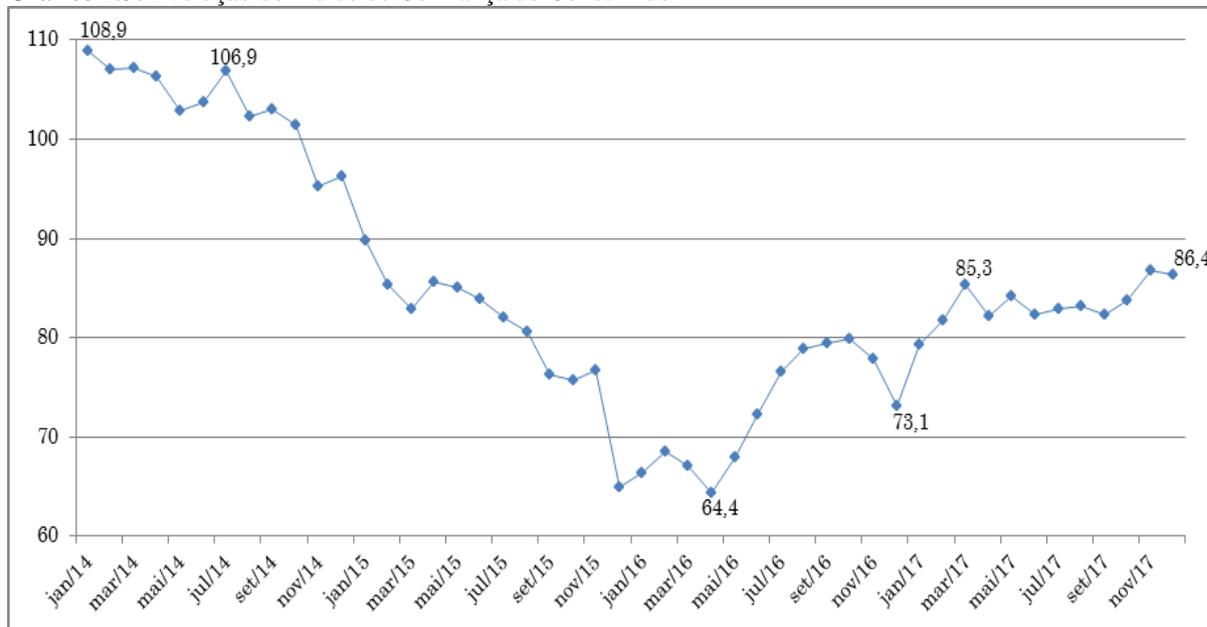


Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

No que tange aos indicadores de expectativas, o Gráfico 1.3 apresenta a evolução do Índice de Confiança do Consumidor (ICC), indicador de produção de tendência econômica e que pode ser utilizado como indicador antecedente de atividade econômica para tomada de decisões. No

ICC, suas tendências são determinadas pelas perspectivas futuras dos agentes econômicos (consumidores).

Gráfico 1.3: Evolução do Índice de Confiança do Consumidor

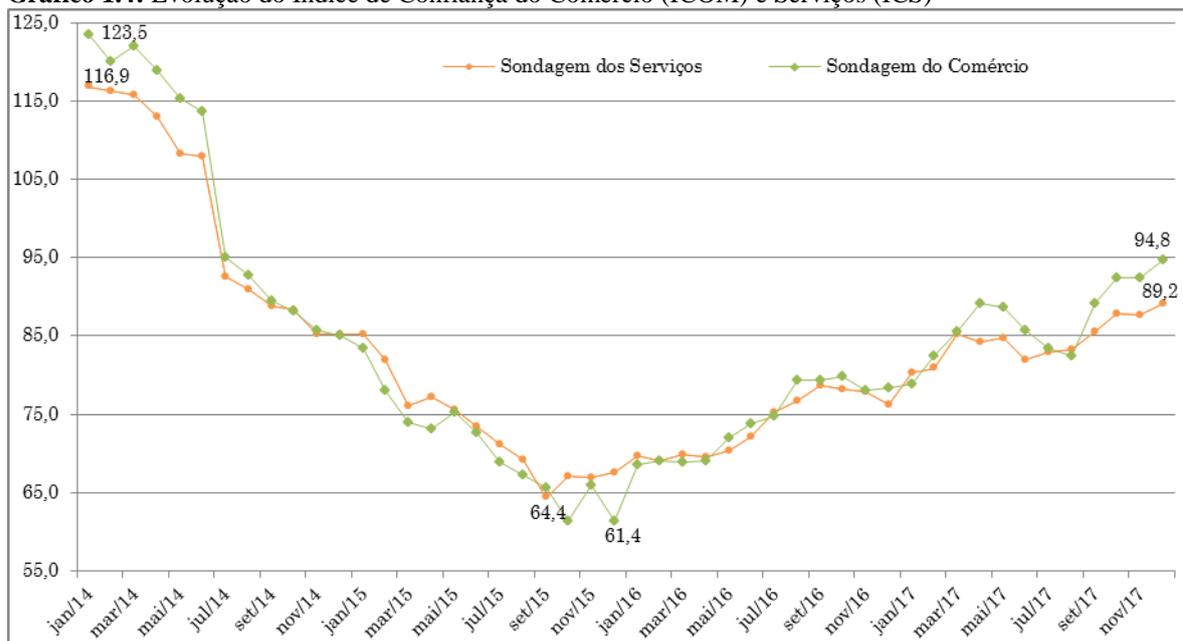


Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), o saldo da confiança do consumidor acumulado no ano de 2017 foi positivo e melhor do que 2015 e 2016 com os consumidores continuando a melhorar suas avaliações e projeções sobre a economia, não obstante o nível de endividamento das famílias, principalmente daquelas de menor poder aquisitivo o que leva a cautela nos gastos com bens de maior valor, atuando, portanto, como fator limitante ao consumo.

O Gráfico 1.4, por sua vez, apresenta o Índice de Confiança do Comércio (ICOM) e o Índice de Confiança de Serviços (ICS) com base nas Sondagens do Comércio e do Setor de Serviços, respectivamente.

Assim como o ICC, estes índices permitem o aperfeiçoamento do planejamento do nível de produção e acompanhamento dos movimentos de absorção e liberação de mão-de-obra nos setores em análise além do conhecimento dos seus planos de investimento. Neste aspecto, são indicadores sínteses da situação atual dos negócios e previsões para negócios em relação ao futuro próximo (seis meses seguintes).

Gráfico 1.4: Evolução do Índice de Confiança do Comércio (ICOM) e Serviços (ICS)

Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

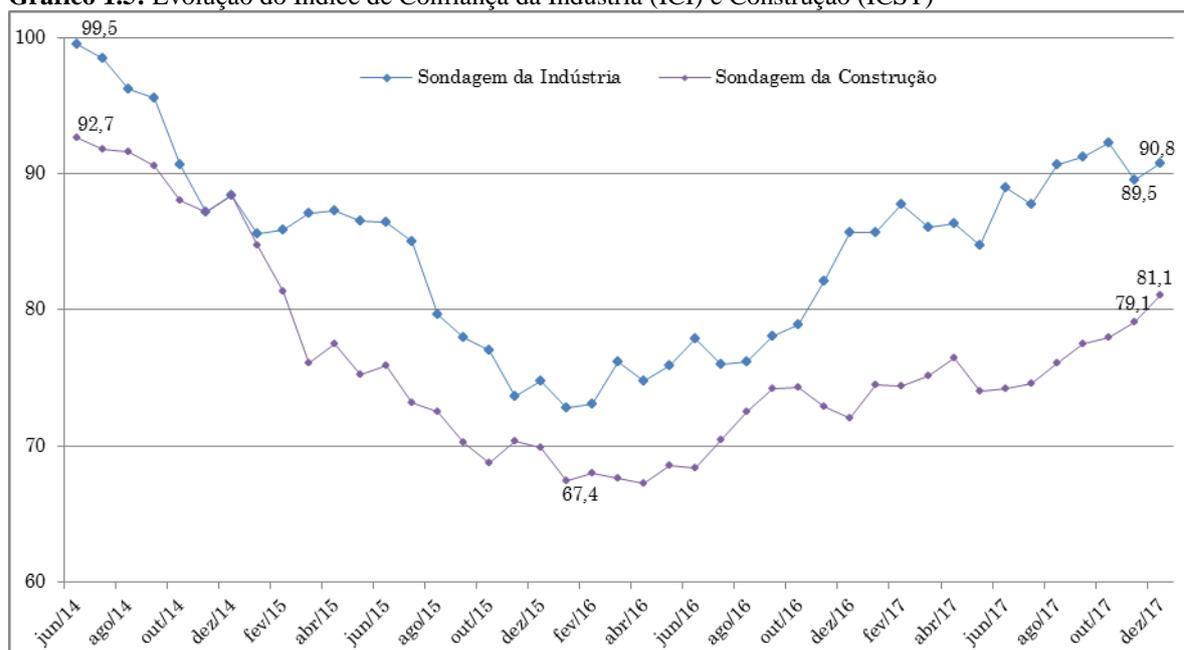
O Índice de Confiança do Comércio sugere que o setor, na avaliação do IBRE, está otimista com relação à sustentação da fase de recuperação das vendas ao longo do primeiro semestre de 2018. Entre os fatores que vêm impulsionando o otimismo do setor estão a inflação baixa, o ciclo da redução da taxa de juros e as perspectivas de recuperação do mercado de trabalho. No que concerne ao Índice de Confiança de Serviços (ICS), o resultado de dezembro consolida o processo de recuperação gradual na confiança do setor ao longo de 2017 e boas perspectivas para 2018, de acordo com o IBRE. De fato, as expectativas melhoraram de forma disseminada pelos vários segmentos pesquisados garantindo sustentabilidade na trajetória ascendente do setor.

Finalmente, o Gráfico 1.5 apresenta o Índice de Confiança da Indústria (ICI) e o Índice de Confiança da Construção (ICST) com base nas Sondagens da Indústria de Transformação e da Construção, respectivamente.

O Índice de Confiança da Indústria (ICI), na avaliação do IBRE, revela que a indústria percebe melhora no ambiente de negócios e manutenção dessa trajetória favorável nos próximos meses com perspectiva de continuidade da recuperação da confiança em 2018.

Para o ICST, o IBRE destaca que o segmento de *Preparação do Terreno*, que antecipa tendências do setor, vem avançando desde o segundo trimestre, e, mais recentemente, o aumento gradual da confiança do segmento *Edificações Residenciais*.

Gráfico 1.5: Evolução do Índice de Confiança da Indústria (ICI) e Construção (ICST)



Fonte: FGV/IBRE; Elaboração: IPECE.

2 ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE

2.1 Produto Interno Bruto

No quarto trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, a economia cearense apresentou um crescimento de 3,24% (Tabela 2.1). Este resultado consolida a recuperação da economia cearense iniciada no segundo trimestre de 2017. No resultado para o ano de 2017, observa-se um crescimento de 1,87%, após dois anos de quedas no PIB do Ceará.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 4º trim. 2016 e 2017 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)	2017
Agropecuária	-4,73	0,40	54,37	25,21	29,06	28,90
Indústria	-8,56	-2,56	-2,64	0,42	2,08	-0,64
Extrativa Mineral	11,22	-20,06	-21,06	-20,89	-15,68	-19,51
Transformação	-1,21	0,03	3,32	3,11	4,29	2,74
Construção Civil	-18,16	-7,59	-9,47	-1,71	2,36	-4,22
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-6,28	5,68	1,22	1,20	-1,67	1,56
Serviços	-4,10	-0,50	0,25	2,20	2,36	1,09
Comércio	-8,76	-0,86	1,04	6,66	5,80	3,21
Alojamento e Alimentação	-2,78	-3,15	-2,01	-0,17	0,74	-1,16
Transportes	-3,08	-1,63	-2,08	0,31	3,32	0,03
Intermediação Financeira	-7,24	-1,91	-1,21	2,41	3,33	0,69
Administração Pública	-0,01	1,33	1,69	0,43	-0,47	0,75
Outros Serviços	4,99	-1,56	-1,09	-1,74	-0,63	-1,26
Valor Adicionado (VA)	-5,01	-0,85	2,08	3,17	3,48	2,00
PIB pm	-4,95	-0,83	1,90	3,03	3,24	1,87

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do quarto trimestre de 2017 com o mesmo período de 2016, a Agropecuária apresentou um forte crescimento de 29,06%, sendo explicado pela quadra chuvosa de 2017 em torno da média histórica e pela baixa base de comparação. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou um crescimento de 2,08%, enquanto que o setor de serviços registrou um aumento de 2,36%.

A Tabela 2.2 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do quarto trimestre de 2017 em relação ao terceiro trimestre de 2017, o PIB do Ceará apresentou um leve crescimento de 0,05%, sendo explicada pelo resultado negativo dos

Serviços (-0,49%). A indústria apresentou um leve crescimento de 0,48%, com destaque para a Construção civil (1,03%), enquanto que o destaque negativo foi à atividade de Eletricidade, gás e água (SIUP) (-1,48%).

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Ceará - 4º trim. 2016 e 2017 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)	2º Trim. 2017 (**)	3º Trim. 2017 (**)	4º Trim. 2017 (**)
Agropecuária	4,87	13,52	20,33	-12,59	7,81
Indústria	-1,20	2,60	-1,35	0,43	0,48
Extrativa Mineral	-5,91	-13,03	-0,79	-2,82	0,54
Transformação	-0,43	1,32	2,77	-0,55	0,88
Construção Civil	-3,07	3,86	-5,58	3,35	1,03
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,20	0,56	-0,68	0,06	-1,48
Serviços	-0,65	2,67	-0,23	0,39	-0,49
Comércio	0,34	4,22	-0,82	2,83	-0,43
Alojamento e Alimentação	-0,26	-0,26	-0,10	0,50	0,57
Transportes	-2,95	2,92	-0,11	0,42	0,15
Intermediação Financeira	-0,30	1,84	-0,74	1,56	0,68
Administração Pública	0,09	0,84	0,51	-0,99	-0,76
Outros Serviços	-0,62	-1,92	0,56	0,23	0,55
Valor Adicionado (VA)	-0,14	2,35	0,90	0,06	0,17
PIB	-0,14	2,24	0,85	0,09	0,05

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

2.2 Agropecuária

Situação da Produção de Grãos

A produção de grãos no Estado do Ceará, no ano de 2017, cresceu 183,22%, com relação a safra de 2016, com destaque para as culturas do milho e feijão, que cresceram 225,7% e 135,3%, respectivamente, conforme informações apresentadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE¹. Ressalta-se que as culturas do milho e feijão juntas respondem por 95,6% da produção total de grãos do estado do Ceará.

Embora o plantio de arroz venha sendo desestimulado, por ser uma cultura que demanda muita água, verificou-se que produção desse grão também registrou crescimento em 2017, comparado ao ano anterior. A exceção de mamona, que registrou queda de 52,5%, todas as demais culturas produtoras de grãos também apresentaram crescimento.

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começam com base na média das safras dos últimos onze anos passados e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

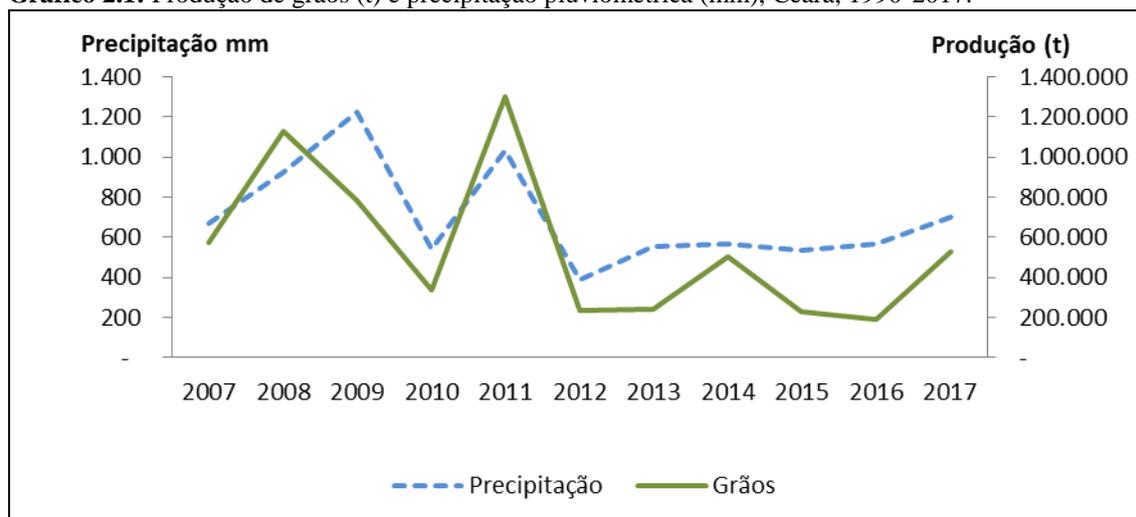
Tabela 2.1: Produção de grãos (t) – Ceará – 2016-2017

Produção de Grãos	Produção (t) 2016 *	Estimativa (t) 2017*	Variação (%) 2017/2016	Participação (%) 2017
Algodão	144	485	236,81	0,09%
Amendoim	156	1.066	583,33	0,20%
Arroz	14.369	19.762	37,53	3,72%
Fava	919	3.596	291,29	0,68%
Feijão	56.629	133.225	135,26	25,06%
Mamona	838	398	-52,51	0,07%
Milho	114.591	373.231	225,71	70,20%
Total	187.731	531.696	183,22	100,00%

Fonte: LSPA/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) Os dados de 2016 e 2017 referem-se a estimativa da produção (t) da safra de grãos registrada pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola/IBGE.

Conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), a quadra chuvosa de 2017 no Ceará registrou precipitação abaixo da média histórica, com valor de 697,8 mm, ou seja, com desvio percentual de -12,9% em relação a média normal climatológica (Gráfico 2.1). Ressalta-se que o desempenho positivo da produção de grãos em 2017 foi influenciado pela quadra chuvosa que foi mais favorável do que a ocorrida em 2016, tendo em vista que quase toda a produção de grãos no estado do Ceará é realizada sob o regime de sequeiro, ou seja, é dependente da ocorrência de chuvas durante seu ciclo produtivo, estando, portanto, sujeito às irregularidades climáticas existentes na região.

Gráfico 2.1: Produção de grãos (t) e precipitação pluviométrica (mm), Ceará, 1990-2017.

Fonte: LSPA/IBGE; FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Além da quantidade de volume de chuvas, é importante analisar a distribuição espacial das mesmas. Assim, verificou-se que a precipitação do ano de 2017 entre as macrorregiões do

estado foi mais intensa nas regiões litorâneas e Maciço de Baturité. Enquanto que as regiões do Sertão Central e Inhamuns, Cariri, Jaguaribana e Ibiapaba foram as que mais sofreram com as estiagens, na qual as chuvas ficaram bem abaixo da média de cada uma delas. É importante dizer que essas últimas regiões são as maiores produtoras de grãos do Ceará.

Tabela 2.2: Precipitação (mm) observada - 2017 - Ceará

Macrorregiões	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Litoral de Fortaleza	1083.8	1142.7	5.4
Litoral Norte	973.9	1005.9	3.3
Maciço de Baturité	950.1	980.8	3.2
Litoral de Pecém	864.6	917.0	6.1
Ibiapaba	905.2	775.4	-14.3
Cariri	904.0	724.7	-19.8
Jaguaribana	774.7	629.9	-18.7
Sertão Central e Inhamuns	676.2	512.6	-24.2
Estado do Ceará	800.6	697.8	-12.9

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Quanto a distribuição temporal das chuvas, verificou-se que a ocorrência de veranicos teve a região Centro-Sul foi a mais afetada em 2017, com 6 veranicos, sendo o maior de 27 dias, o que afetou a produção agrícola na mesma. Outros territórios que também foram afetados pelo número de dias sem chuvas foram os territórios Meio Norte, com até 19 dias sem chuvas, e Sertão Central e Sertão de Crateús, com veranicos de até 35 dias sem chuva, prejudicando assim a formação dos grãos e reduzindo principalmente a safra do milho (Tabela 2.3).

Tabela 2.3: Ocorrência de veranicos nos Territórios da Cidadania Cearenses, Ceará – 2017.

Território	N.º de Veranicos	N.º de dias do Maior Veranico
Metropolitana de Fortaleza	4	10
Litoral Leste	2	18
Meio-Norte	5	19
Extremo Norte	-	-
Baixo Acaraú	1	6
Ibiapaba	3	31
Zona Norte	4	30
Sertão de Canindé	4	20
Maciço de Baturité	1	20
Baixo Jaguaribe	4	25
Médio Jaguaribe	3	20
Sertão Central	3	35
Centro-Sul	6	27
Sertão de Crateús	3	35
Inhamus	4	29
Cariri	2	26
Cariri-Leste	3	32
Cariri-Oeste	1	15

Fonte: EMATERCE. Elaboração: IPECE.

Desta forma, como as chuvas observadas ficaram mais um ano abaixo da média, isso afetou significativamente a capacidade de armazenamento dos reservatórios cearenses, tendo em vista que o Ceará já vem sofrendo com a seca desde 2012.

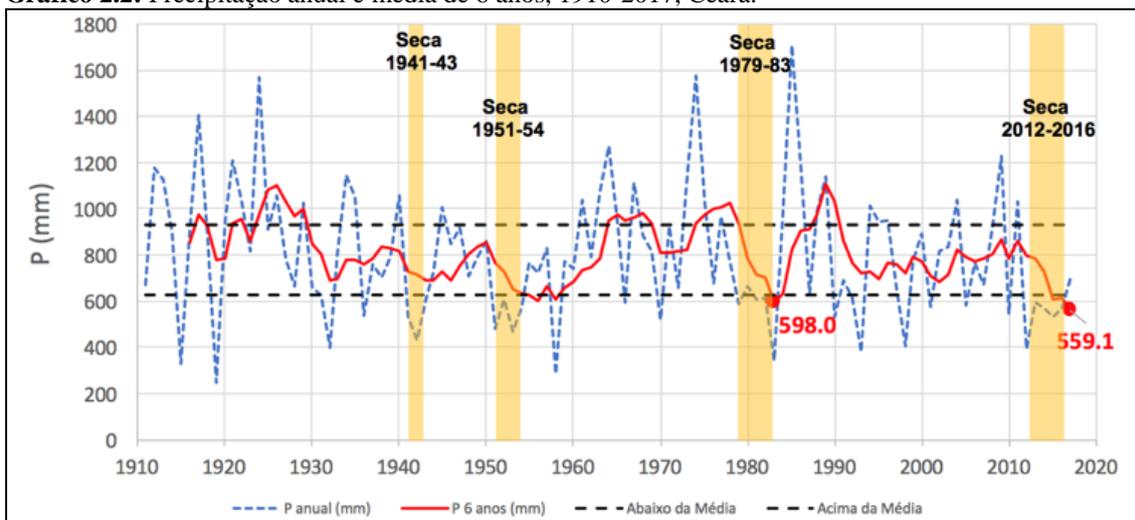
Em 2017, o estado fechou o ano com uma disponibilidade hídrica de apenas 7,9% (1.467,0 hm³ de água) da capacidade total do estado (18.630,0 hm³) (Tabela 2.4). Dos 155 açudes monitorados pela COGERH – Companhia de Gestão de Recursos Hídricos, 121 fecharam o ano com um volume disponível abaixo de 30%.

Tabela 2.4: Capacidade (hm³), Volume Atual (hm³) e de Armazenamento por Regiões Hidrográficas, Ceará - Dez./2017.

Regiões Hidrográficas	Capac. (hm ³)	Vol. Atual (hm ³)	Vol. Perc. (%)
Acaraú	1.718,27	294,08	17,11
Alto Jaguaribe	2.778,52	176,06	6,34
Baixo Jaguaribe	24,00	0,23	0,96
Banabuiú	2.760,36	63,10	2,29
Coreaú	303,74	154,84	50,98
Curu	1.028,21	94,58	9,20
Litoral	214,90	79,44	36,97
Médio Jaguaribe	7.386,69	180,65	2,45
Metropolitana	1.379,51	227,06	16,46
Salgado	452,31	34,73	7,68
Serra da Ibiapaba	141,00	27,84	19,74
Sertões de Crateús	448,09	1,13	0,25
Ceará	18.630,00	1.467,00	7,90

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.

O histórico de seca do Ceará sempre foi presente no estado, visto 92% de seu território está localizado na região semiárida, estando, portanto, sujeito a ocorrência frequente do fenômeno de secas. O Gráfico 2.2 mostra a precipitação anual do estado de 1910 a 2017 e a média móvel de precipitação de 6 (anos). Verificou-se que a média pluviométrica dos anos de 2012 a 2017 foi a mais baixo de todo o período, confirmando assim a intensa seca sofrida nesses últimos anos.

Gráfico 2.2: Precipitação anual e média de 6 anos, 1910-2017, Ceará.

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Produção de Frutas

A produção de frutas em 2017 apresentou melhor desempenho quando comparada com o ano de 2016. Verificou-se que a produção estimada de frutas frescas (exceto aquelas expressas em mil frutos), foi de 797.212 toneladas, registrando crescimento de 4,81%, comparada a produção de 2016 (760.590).

As culturas que mais contribuíram para esse crescimento foram banana (21,6%), goiaba (14,66%) e laranja (11,87%). O crescimento da produção de banana deve-se ao aumento de área plantada, tanto do plantio irrigado quanto de sequeiro. O rendimento dessa cultura também aumentou. O aumento da produção de goiaba e laranja é explicado também pela ampliação de área e da elevação do rendimento.

Por outro lado, as culturas de melão, melancia, maracujá e mamão sofreram mais com a falta de água, causando uma menor produção das frutas em 2017, comparado ao ano anterior. A produção de melão reduziu 28,36% e a melancia 18,42%, lavouras que apresentaram redução de área e de rendimento. Quanto ao maracujá e mamão, verificou-se uma interferência no desenvolvimento dos frutos em decorrência da redução da disponibilidade de água, afetando o rendimento.

A produção de castanha de caju em 2017 registrou crescimento de 171,2%, com relação ao ano anterior. Porém, vale ressaltar que a safra, ainda assim, não foi considerada normal para o Ceará, ficando abaixo da capacidade de produção da área de colheita existente no estado. A safra de 2017 apresentou problemas fitossanitários, afetando o rendimento, e redução de área de cajueiros da variedade comum.

Um fato importante a mencionar é a ocorrência da substituição de copa do cajueiro gigante pelo cajueiro anão precoce, através do programa realizado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agrário do Ceará. Esta variedade tem potencial para produzir até 1200 kg/ha. Este ano foram obtidos apenas 395 kg/ha.

Com relação a produção de abacaxi, estimou-se crescimento de 70,16% em 2017, comparado ao ano de 2016. Enquanto que o coco-da-baía registrou queda na produção de 2017, com relação ao 2016, em decorrência da falta de água.

Tabela 2.5: Produção obtida e estimativa de Frutas (toneladas) no Ceará - 2016-2017*

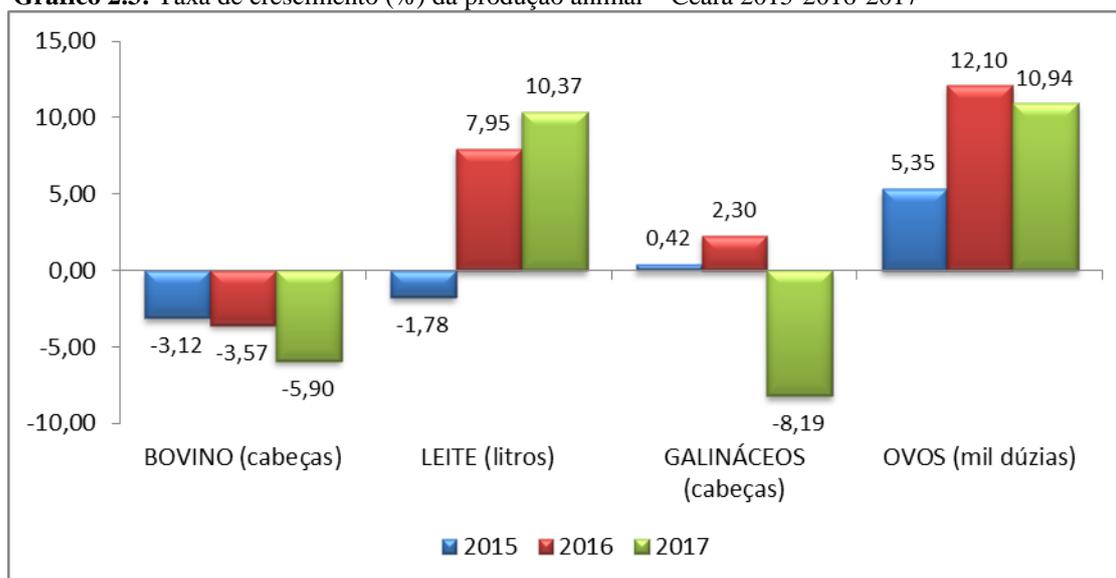
Produção de Frutas	Produção 2016 *	Estimativa 2017	Varição (%) 2017/2016
Acerola	12.728	12.995	2,10
Banana	323.846	393.025	21,36
Goiaba	15.434	17.696	14,66
Laranja	8.474	9.480	11,87
Mamão	110.520	109.893	-0,57
Manga	43.233	45.338	4,87
Maracujá	98.122	94.816	-3,37
Melancia	35.469	28.936	-18,42
Melão	98.535	70.593	-28,36
Castanha de caju	30.968	83.998	171,24
Abacaxi**	429	730	70,16
Coco-da-baía **	263.527	186.733	-29,14

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Notas: (*) O valor de 2016 refere-se a produção obtida (PAM) e o valor de 2017 corresponde a estimativa (LSPA). (**) Produção em mil frutos.

Quanto a pecuária, o Ceará vem ganhando destaque nos produtos de origem animal, a destacar leite e ovos. Para o ano de 2017, estimou-se um crescimento de 10,4% na produção de leite e 10,9% na produção de ovos.

Com relação ao rebanho bovino, a estimativa é variação negativa, sendo o terceiro ano de queda consecutiva, diminuindo assim a quantidade de bois no estado. A produção de galináceos encerrou o ano de 2017 também em queda (Gráfico 2.3).

Gráfico 2.3: Taxa de crescimento (%) da produção animal – Ceará 2015-2016-2017

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

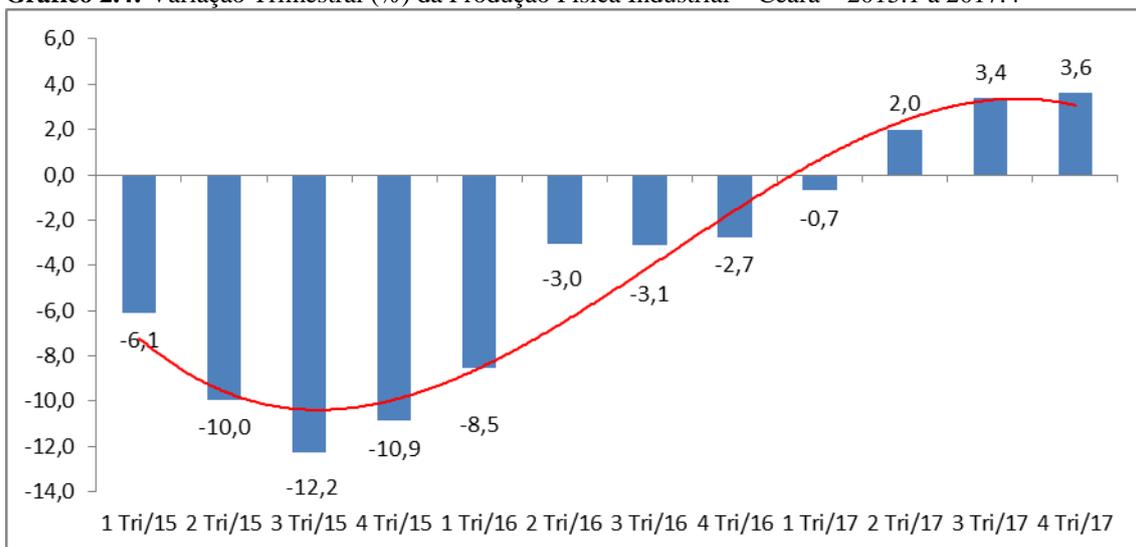
2.3 Indústria

Indústria de Transformação

No último trimestre de 2017 a indústria de transformação cearense registrou seu terceiro resultado positivo consecutivo para seu indicador de produção trimestral. Após avançar 2,0% e 3,4% no segundo e terceiro trimestre, respectivamente, a atividade fechou os meses de outubro a dezembro com um crescimento de 3,6% em comparação com o mesmo período de 2016. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

A indústria cearense não registrava uma sequência como esta de crescimento na produção industrial trimestral desde 2013. Os últimos resultados positivos fortalecem a confiança sobre o movimento de retomada por parte da atividade após um longo período de retração. O Gráfico 2.4, a seguir, destaca tanto o ano de 2015, caracterizado por reduções intensas na atividade industrial e que se coloca como o período mais agudo da crise enfrentada pelo setor no estado, como o ano de 2017, que marca o retorno do crescimento da indústria cearense.

Gráfico 2.4: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2015.1 a 2017.4

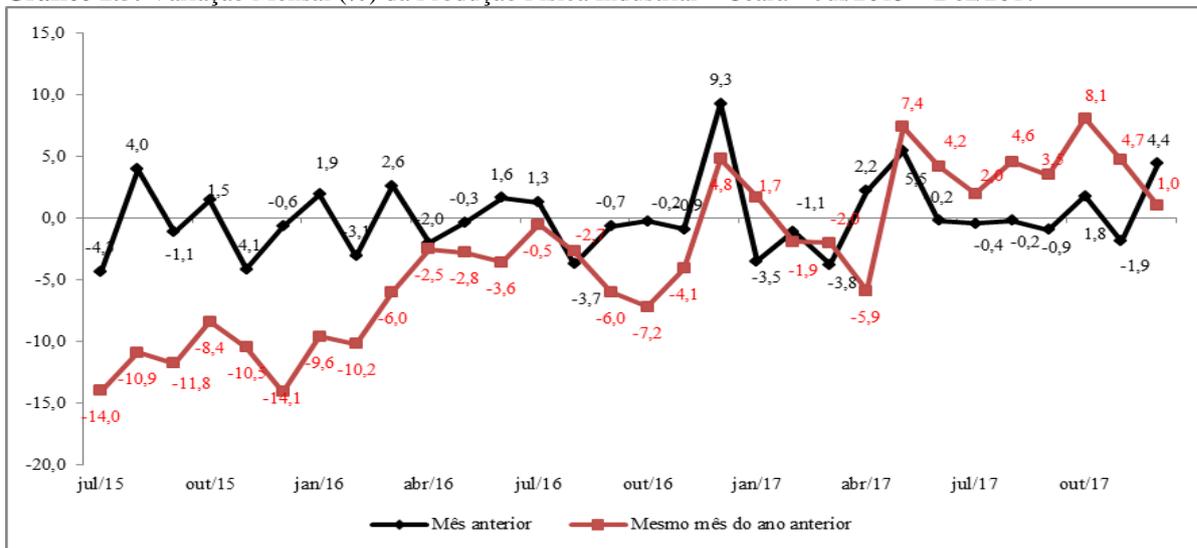


Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Assim como os resultados trimestrais, o comportamento mensal da produção evidencia o momento de recuperação da indústria local. Nos meses de outubro, novembro e dezembro, a manufatura cearense apresentou expansões, respectivas, de 8,1%, 4,7% e 1,0%, na comparação com iguais períodos do ano anterior. Com os últimos resultados, a indústria alcança oito meses seguidos de aumento na produção em relação a 2016. Já na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a indústria cearense continua a oscilar entre resultados positivos e negativos, mas em pequena intensidade, sem apresentar movimentos expressivos. O Gráfico 2.5 abaixo apresenta as taxas.

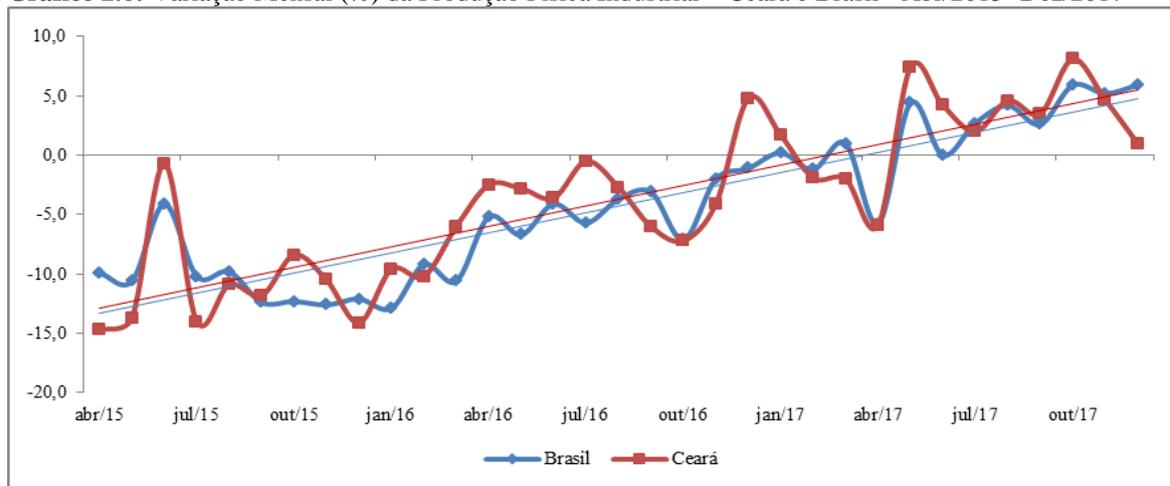
Gráfico 2.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará – Jul/2015 – Dez/2017



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.6, a seguir, compara a trajetória mensal do Ceará e do Brasil quanto à atividade industrial. Como sinalizado nos documentos anteriores, a melhora do ritmo da produção é observada em ambos os parques, com trajetórias próximas e uma intensidade um pouco melhor para manufatura estadual em 2017. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam o melhor ritmo cearense.

Gráfico 2.6: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Abr/2015- Dez/2017



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

Observando os desempenhos estaduais, o quarto trimestre confirma o movimento de recuperação da indústria na maior parte dos estados brasileiros em 2017. No acumulado do ano, a maioria das unidades da federação pesquisadas apresentaram números positivos indicando uma expansão da produção industrial local.

No resultado anual, entre os quatorze estados que participam do levantamento, apenas três registraram queda na produção na comparação com o ano anterior. São eles, Pernambuco (-0,9%), Bahia (-1,9%), Pará (-5,5%). Já entre aqueles que apresentaram expansão, destaque para as indústrias do Amazonas (5,2%), Rio de Janeiro (4,8%) e Santa Catarina (4,6%). A indústria cearense, diante dos resultados dos últimos meses, acumulou em 2017 uma expansão de 2,4% sobre o ano de 2016. Com o desempenho, o estado se coloca como o oitavo maior crescimento entre unidades pesquisadas. Na comparação com a média nacional e do Nordeste, o desempenho estadual se mostra superior tanto ao país (2,2%), quanto a Região (-0,2%). A Tabela 2.6 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para a região.

Tabela 2.6: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Jul.-Set/2016 e 2017 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2016)			Acum. Ano (2016)	Variação Mensal (2017)			Acum. Ano (2017)
	Out.	Nov.	Dez		Out	Nov.	Dez	
Brasil	-7,1	-2,0	-1,1	-6,0	5,9	5,2	5,9	2,2
Nordeste	-1,3	-2,6	0,3	-2,7	-0,4	3,2	-2,3	-0,2
Amazonas	-8,4	4,7	3,7	-11,4	13,7	1,8	18,7	5,2
Rio de Janeiro	3,9	3,2	-1,4	-6,1	14,3	9,0	15,0	4,8
Santa Catarina	-4,8	-1,7	5,8	-3,3	9,1	8,1	4,7	4,6
Paraná	-2,2	6,2	6,2	-4,4	4,3	3,1	-0,5	4,4
Mato Grosso	-17,3	0,5	-4,4	-0,1	28,2	2,4	5,8	3,9
Goiás	-5,3	-12,7	-9,0	-2,2	10,7	19,0	5,2	3,8
São Paulo	-6,4	1,0	-0,8	-5,0	7,3	7,3	10,4	3,5
Ceará	-7,2	-4,1	4,8	-4,3	8,1	4,7	1,0	2,4
Espírito Santo	5,0	-8,4	0,2	-1,4	-4,5	8,1	-5,1	1,5
Minas Gerais	-10,6	-1,1	-1,8	-4,2	5,7	4,5	2,2	0,9
Rio Grande do Sul	-4,3	-1,5	3,8	-3,8	-2,7	-0,4	0,4	0,1
Pernambuco	-0,2	-6,1	6,6	-9,2	-6,0	2,0	-2,5	-0,9
Bahia	-6,1	-4,7	-7,9	-4,0	-3,1	1,8	-3,0	-1,9
Pará	-10,2	-3,4	1,8	-6,7	-2,8	-5,9	-9,0	-5,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

Resultados Setoriais

No quarto trimestre do ano, apenas duas das onze atividades pesquisadas apresentaram resultados negativos para a produção na comparação com igual período do ano anterior. Trata-se do melhor desempenho trimestral no ano para o conjunto dos setores industriais no estado. Esse movimento de recuperação mais disseminado entre as atividades fortalece o processo de retomada experimentado pela indústria.

Ao ponto destacado acima se soma o fato de que atividades tradicionais e importantes para indústria cearense mantiveram o crescimento nas quantidades produzidas já observado nos períodos anteriores. Tem-se, assim, um segundo indicativo relevante a sugerir um processo de retomada mais robusto e consistente.

No trimestre, dentre as atividades com crescimento, destaque para os setores de Maquinas e Materiais Elétricos (23,9%), Produtos Químicos (22,9%) e Produtos de Metal (20,4%).

Apenas as atividades de Produção de Alimentos (-2,0%) e Minerais Não Metálicos (-8,1%) registraram reduções na produção no período. A Tabela 2.7, a seguir, apresenta os números para atividades industriais nos últimos trimestres.

Tabela 2.7: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2016 e 2017

Setores	Variação Trimestral (2016)				Variação Trimestral (2017)			
	I	II	III	IV	I	II	III	IV
Indústrias de transformação	-8,5	-3,0	-3,1	-2,6	-0,7	2,0	3,4	4,6
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-0,7	3,8	-3,1	-0,3	-12,2	0,9	-3,3	23,9
Fabricação de outros produtos químicos	20,5	9,5	-13,9	-17,1	1,6	-10,1	27,2	22,9
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,1	-32,9	-48,3	-11,8	-44,0	-33,3	-12,9	20,4
Fabricação de bebidas	-13,4	-10,9	-10,9	-22,2	-16,0	3,3	-0,7	13,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-7,9	-16,3	-15,2	-3,7	1,8	13,6	8,1	11,4
Metalurgia	-16,6	-25,6	-18,5	17,3	47,3	79,6	43,5	9,6
Fabricação de produtos têxteis	-14,7	-3,5	12,7	32,5	16,2	14,5	6,3	2,7
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-11,9	3,0	1,0	3,5	9,7	7,7	4,0	1,2
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	7,8	27,3	25,9	-11,0	-32,0	-39,3	-18,4	0,7
Fabricação de produtos alimentícios	-6,4	0,0	4,0	1,8	4,5	1,9	6,6	-2,0
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,0	-9,9	-13,7	-10,8	-13,2	-18,7	-9,5	-8,1

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado por 2017.III.

No desempenho anual, oito das onze atividades pesquisadas apresentaram expansão na comparação com 2016. Dentre estas, destaque para as atividades tradicionais como Metalurgia (41,8%), Têxteis (9,8%), Confecção e Vestuário (8,8%) e Couros e calçados (5,2%). Por outro lado, as atividades de Fabricação de Minerais Não Metálicos (-12,3%), de Produtos de Metal (-18,6%) e de Combustíveis (-22,5%) registraram reduções em 2017. Dentre estas, apenas a Fabricação de produtos de Metal também apresentou redução em 2016 na comparação com 2015 (-29,1%).

Em particular, o desempenho expressivo da Metalurgia cearense, além de favorecido pela baixa base de comparação, é explicado pela atuação da Companhia Siderúrgica do Pécem (CSP). A CSP iniciou suas operações ao longo de 2016 e em 2017 consolidou a produção². A Tabela 2.8, na sequência, compara para todos os setores a taxa de crescimento acumulada em 2016 e 2017.

² É importante destacar que apenas recentemente, por questões metodológicas, os dados de produção da companhia passaram a ser captados pelo IBGE em sua pesquisa mensal de produção industrial, a PIM-PF.

Tabela 2.8: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais- 2016 e 2017 – Ceará

Setores	Acumulado Ano (2016)	Acumulado Ano (2017)
Indústrias de transformação	-4,30	2,40
Metalurgia	-11,70	41,80
Fabricação de outros produtos químicos	-3,40	10,90
Fabricação de produtos têxteis	4,30	9,80
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-11,20	8,80
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-1,20	5,20
Fabricação de produtos alimentícios	-0,10	2,70
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-0,30	2,20
Fabricação de bebidas	-14,90	0,10
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-11,90	-12,30
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-29,10	-18,60
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	11,10	-22,50

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

2.4 Serviços

2.4.1. Pesquisa Mensal de Serviços³

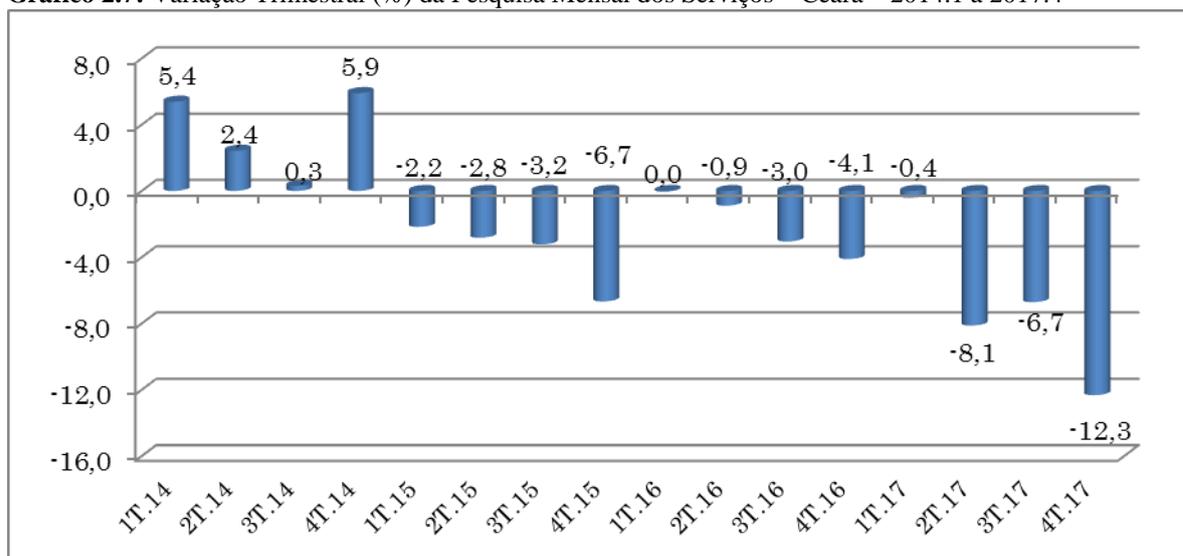
Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros voltaram a registrar no último trimestre de 2017 queda de 12,3% quando comparado ao mesmo trimestre do ano anterior. No terceiro trimestre de 2017 a queda tinha sido menos intensa do que a do segundo trimestre, ambas comparadas com relação ao mesmo período do ano anterior, voltando o setor neste último a recuar de forma mais expressiva.

Adicionalmente, não obstante a estagnação ocorrida no primeiro trimestre de 2016, essa queda representa a décima segunda seguida a partir de uma comparação com relação ao mesmo trimestre do ano anterior (ver Gráfico 2.7).

³ Os segmentos da Pesquisa Mensal dos Serviços são divididos em cinco grandes grupos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. O Grupo Outros Serviços são formados pelas Atividades Imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais. É importante frisar que esses segmentos não são iguais aos subsectores não iguais aqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

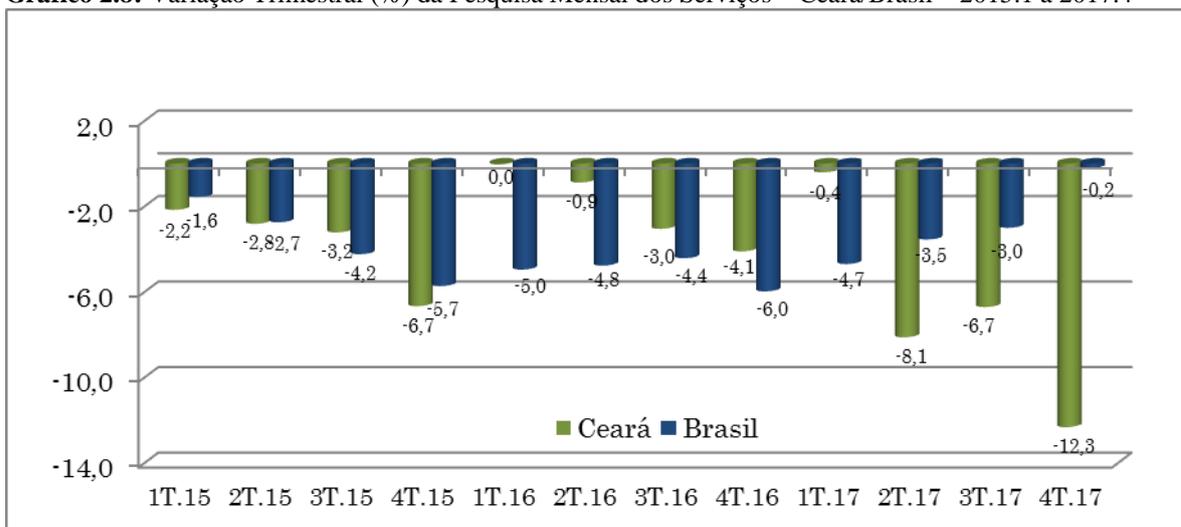
O Gráfico 2.7 também apresenta a evolução das taxas trimestrais dos anos de 2014 e 2015. Em que pese à desaceleração econômica da economia brasileira a partir do segundo trimestre de 2014, os dados da PMS revelam que a retração do setor de serviços cearense dar-se-á apenas a partir do primeiro trimestre de 2015, o que permite deduzir que o setor tende a ter uma maior defasagem com relação às contrações e expansões dos ciclos econômicos, considerando a já retomada cíclica a partir do primeiro trimestre de 2017.

Gráfico 2.7: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará – 2014.1 a 2017.4



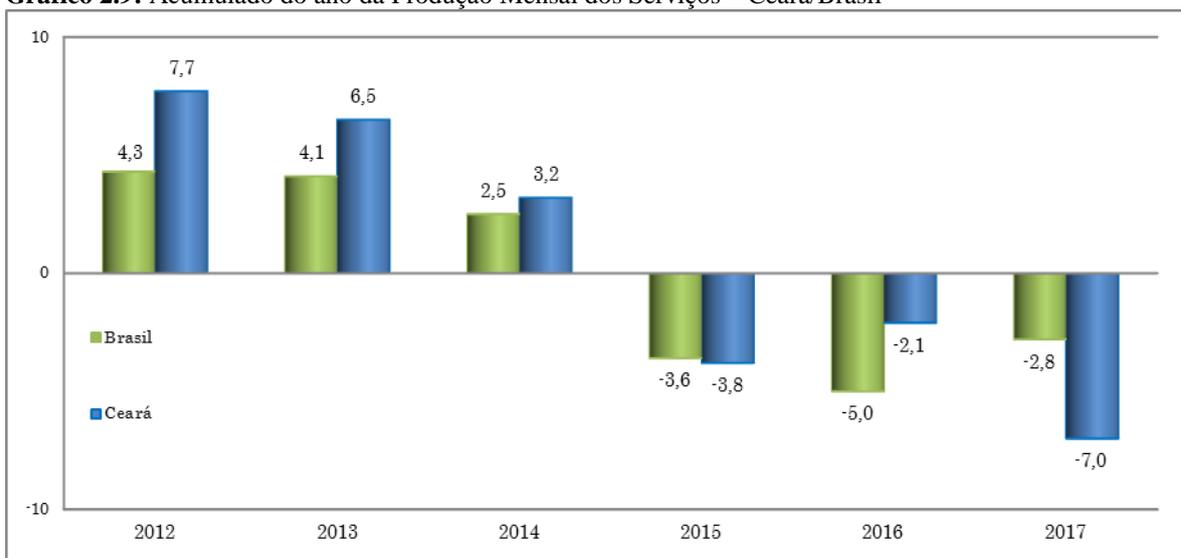
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por sua vez, o Gráfico 2.8 apresenta os mesmos resultados do gráfico anterior, a partir de um comparativo nacional, com dados iniciando-se a partir do primeiro trimestre de 2015, quando se inicia a sequência de contração do setor. Como se pode observar, os três últimos trimestres de 2017 revelam que a intensidade da queda dos serviços do Ceará ocorreu de forma mais intensa que o nacional. De fato, o Ceará recuou 8,1%, 6,7% e 12,3% no primeiro, segundo trimestre e terceiro trimestre de 2017, enquanto o Brasil a retração foi de 3,5%, 3,0% e 0,2% respectivamente. Nesse aspecto, é clara a mais rápida recuperação do setor no âmbito nacional com relação ao estado.

Gráfico 2.8: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil – 2015.1 a 2017.4

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Os dados do Gráfico 2.9 apresentam os resultados para o acumulado do ano de 2017 tanto para o Brasil como para o Ceará a partir do ano de 2012. Inicialmente, observa-se que embora até 2014 houvesse taxas positivas, a desaceleração no setor já vinha ocorrendo, principalmente no estado do Ceará, onde a expansão se dava de forma mais intensiva. Adicionalmente, a linha de tendência parecia indicar melhor desempenho do setor no ano de 2017 considerando que a desaceleração em 2016 já tinha sido menor do que em 2015. No entanto, o ano de 2017 encerra com o setor apresentando uma expressiva queda de 7% no Estado do Ceará e queda de 2,8%.

Gráfico 2.9: Acumulado do ano da Produção Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

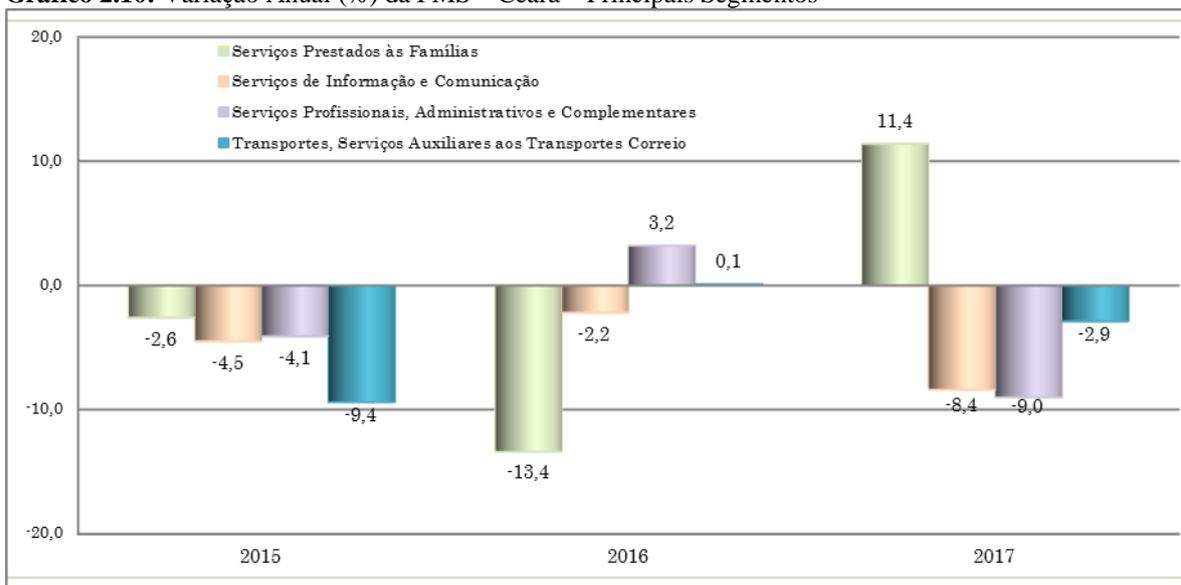
Resultados Setoriais

Os dados do Gráfico 2.10 apresentam as taxas de variação para os anos de 2015, 2016 e 2017 para os quatro principais segmentos do setor de serviços da PMS do Ceará. Em primeiro lugar, como já observado acima para o cômputo do setor, os quatro principais segmentos tiveram desempenhos negativos ao longo da crise econômica de 2015 e 2016.

Os Serviços Prestados às Famílias, tido como um dos principais segmentos, destaca-se como um segmento sem uma tendência definida na medida em que apresentou um forte recuo em 2016 e um crescimento expressivo de 11,4% ao longo de 2017. O desempenho positivo deste segmento pode ter raízes associadas a conjuntura macroeconômica nacional: liberação das contas inativas do FGTS, inflação baixa e juros historicamente baixos, retomando, assim, parte da confiança das famílias. Como esse segmento sinaliza uma maior dinâmica em serviços com maior elasticidade renda da demanda, como restaurantes, serviços de *catering*, recreação, esporte, arte e cultura, etc., o que reforça os fatores elencados como responsáveis pelo crescimento do segmento.

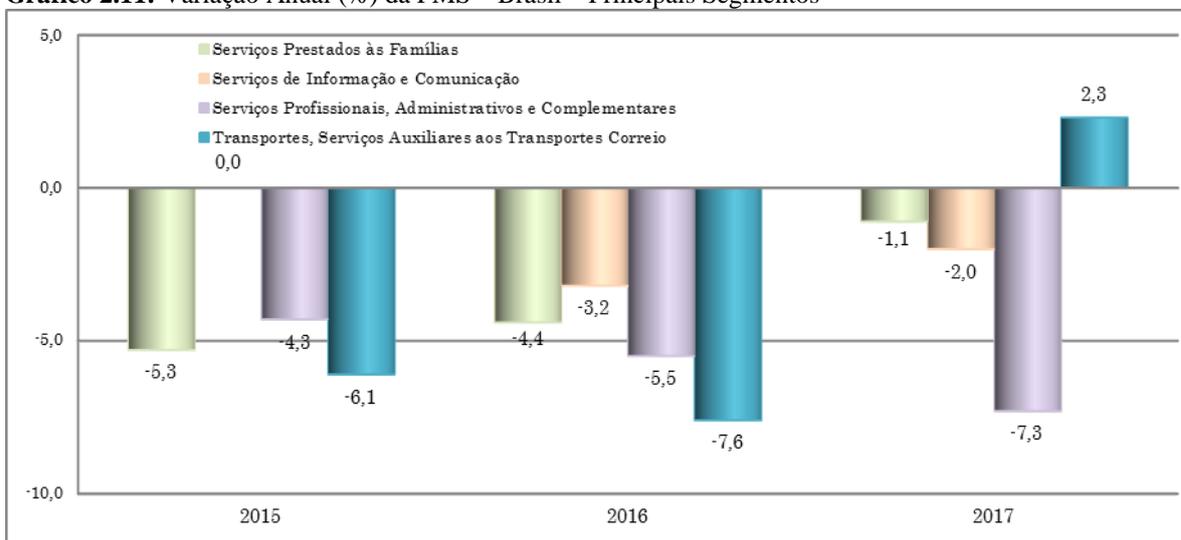
Por sua vez, Serviços de Informação e Comunicação, Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares e Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio tiveram retração de 8,4%, 9,0% e 2,9%, respectivamente. Este primeiro segmento, mais intensivo em capital, revela que os investimentos não apresentaram resposta diante do cenário de estagnação dos períodos anteriores, assim como os Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares, que tem parte associado a setores compostos por empresas.

Já Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, presente em diversas cadeias produtivas industriais, teve uma menor retração, o que revela que desempenho positivo da indústria ao longo de 2017 tende a se consolidar e disseminar também na atividade de serviços.

Gráfico 2.10: Variação Anual (%) da PMS – Ceará – Principais Segmentos

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 2.11 é também apresentado os mesmos resultados do gráfico anterior, mas para o Brasil. Como pode ser observado, o quadro geral para o nacional revela que os contornos da crise econômica que assolou a economia nacional tem um padrão mas consolidado na medida em que revela retração para todos os segmentos nos anos de 2015 e 2016.

Gráfico 2.11: Variação Anual (%) da PMS – Brasil – Principais Segmentos

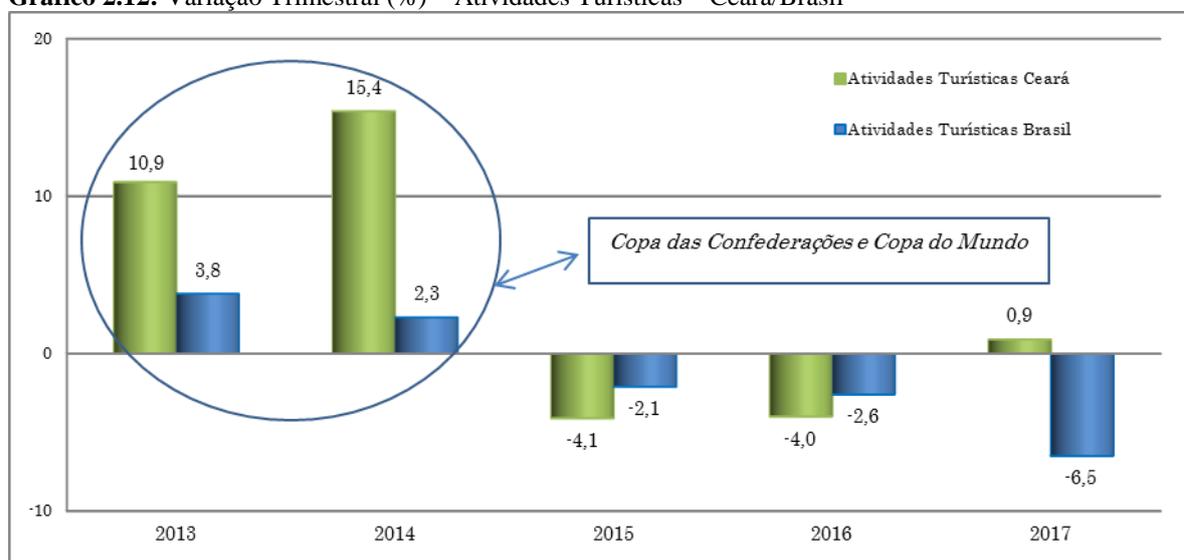
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por outro lado, em que pese o processo de defasagem do setor em geral na retomada cíclica do crescimento, o segmento Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio apresentou desempenho positivo de 2,3%, muito associado a expansão do setor industrial.

Finalmente, o Gráfico 2.12 apresenta o Índice de Atividades Turísticas (IATUR), índice que é construído a partir de dez agrupamentos de atividades ligados ao setor. A título comparativo são também apresentados os anos de 2013 e 2014, anos esses em que ocorreu a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, respectivamente.

As evidências indicam que os eventos esportivos ocorridos nesses anos podem ter impulsionado o setor no Estado do Ceará, considerando as expressivas taxas de crescimento ocorridas tanto em 2013 como em 2014 de 10,9% e 15,4%, respectivamente. No caso do nacional, as taxas foram bem mais modestas (3,8% e 2,3%, respectivamente).

Gráfico 2.12: Variação Trimestral (%) – Atividades Turísticas – Ceará/Brasil



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

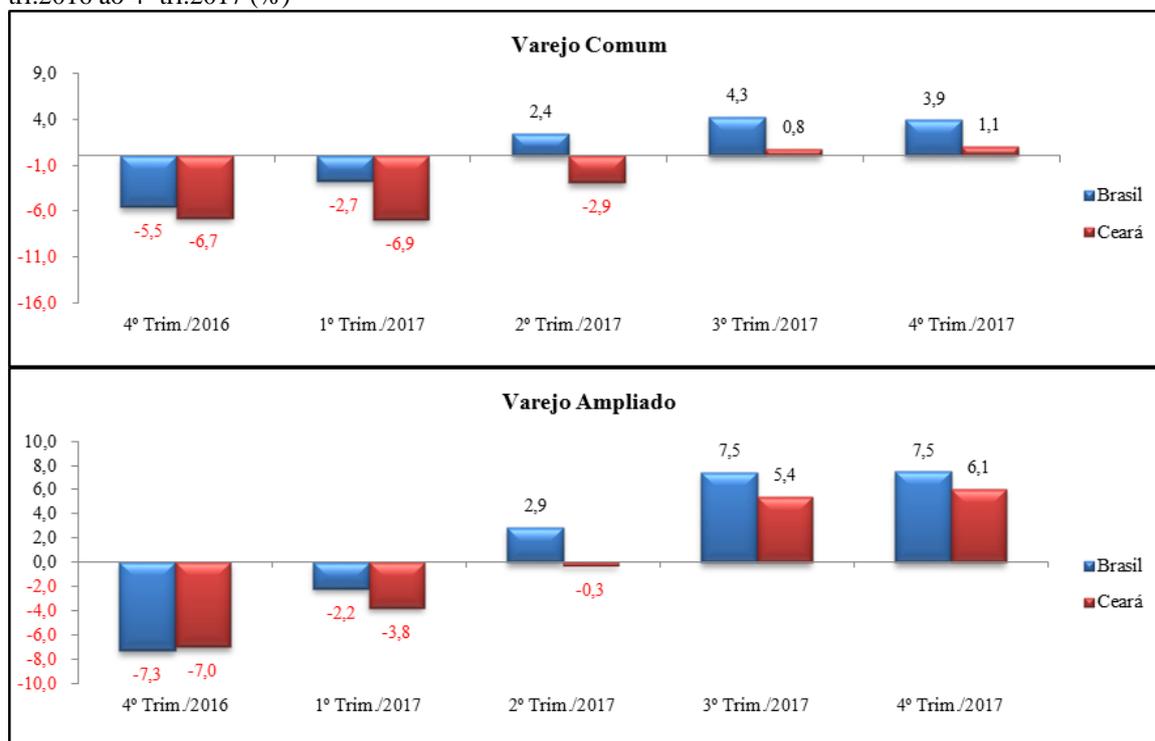
Por sua vez, nos anos de 2015 e 2016 são claros os efeitos da recessão em termos de contração do setor com recuo de 4,1% e 4,0%, respectivamente, no Ceará. No Brasil, a magnitude do recuo foi menos intensa de 2,1% e 2,6%, respectivamente. Em que pese a curta série histórica, pode-se destacar que tanto a expansão como a contração das Atividades Turísticas no Ceará tem ocorrido de forma mais expressiva com relação ao Brasil.

4.3.1. Comércio Varejista

Pela análise dos dados disponíveis no Gráfico 2.13 abaixo é possível notar que o varejo comum cearense passou a registrar variação positiva somente a partir do terceiro trimestre de 2017, um trimestre depois da alta registrada pelo país, revelando uma recuperação desse setor mantida no último trimestre do ano. Nota-se que apesar da recuperação observada, as

elevações nas vendas do varejo cearense ficaram bem abaixo daquelas apresentadas pelo varejo nacional, revelando um ritmo mais lento de recuperação no estado.

Gráfico 2.13: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – 4º tri.2016 ao 4º tri.2017 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já em relação ao varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção no cômputo do índice de variação das vendas do varejo, é notório um movimento bem mais robusto de recuperação tanto nas vendas do varejo nacional quanto do varejo cearense, novamente num ritmo mais lento no último.

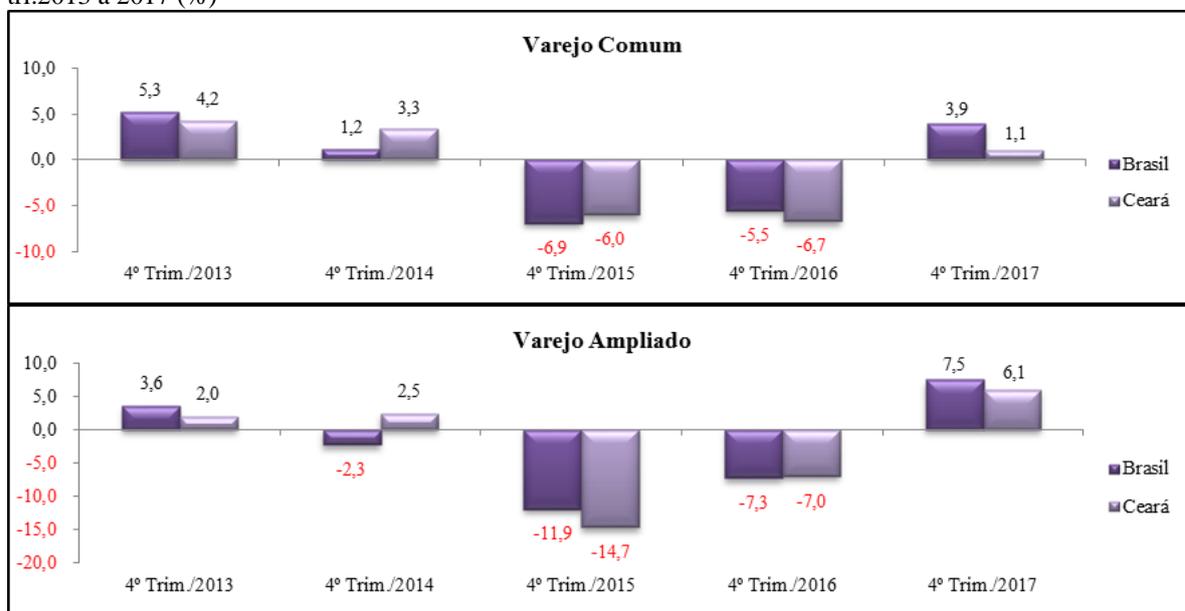
Vale notar novamente que o país apresentou variação positiva já a partir do segundo trimestre de 2017, enquanto o varejo cearense apenas a partir do terceiro trimestre do referido ano, revelando certa defasagem no movimento de recuperação das vendas do varejo. (Gráfico 2.13).

Vale destacar que no quarto trimestre as vendas do varejo comum e ampliado cearense apresentaram variações superiores na comparação com o terceiro trimestre confirmando essa trajetória de recuperação das vendas do varejo local. (Gráfico 2.13).

O Gráfico 2.14 abaixo aponta para a recuperação registrada no quarto trimestre tanto nas vendas do varejo comum e bem mais acentuada no varejo ampliado, ao se compara com os resultados observados para o mesmo trimestre dos anos de 2015 e 2016 que registraram retração sucessiva nas vendas do varejo nacional e cearense. Apesar desse quadro de

melhoras, é possível afirmar que o varejo ainda tem que se esforçar bastante para alcançar o patamar de vendas observado no período pré-crise.

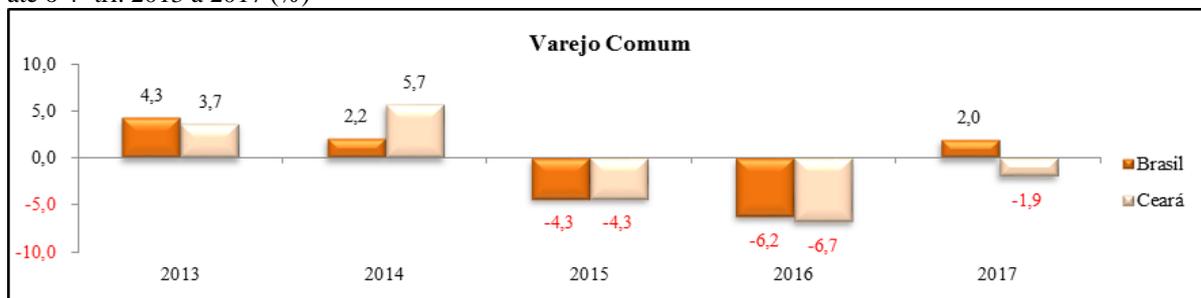
Gráfico 2.14: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – 4º tri.2013 a 2017 (%)

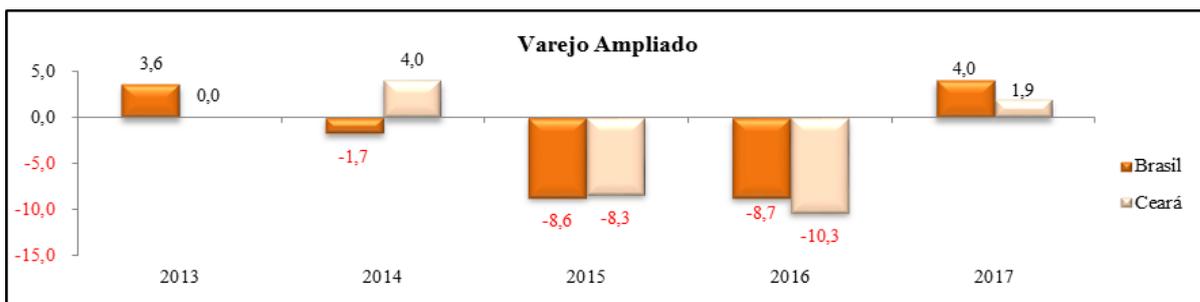


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Apesar da trajetória de recuperação na taxa de crescimento das vendas do varejo comum cearense nos últimos dois trimestres do ano de 2017, isso ainda não foi o suficiente para reverter o sinal negativo observado para o acumulado do ano em 2017. Assim, o varejo comum cearense registrou, pela terceira vez consecutiva, queda o acumulado do ano, todavia, com variação bem menos expressiva que a registrada nos dois anos anterior.

Gráfico 2.15: Variação anual do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º tri. 2013 a 2017 (%)



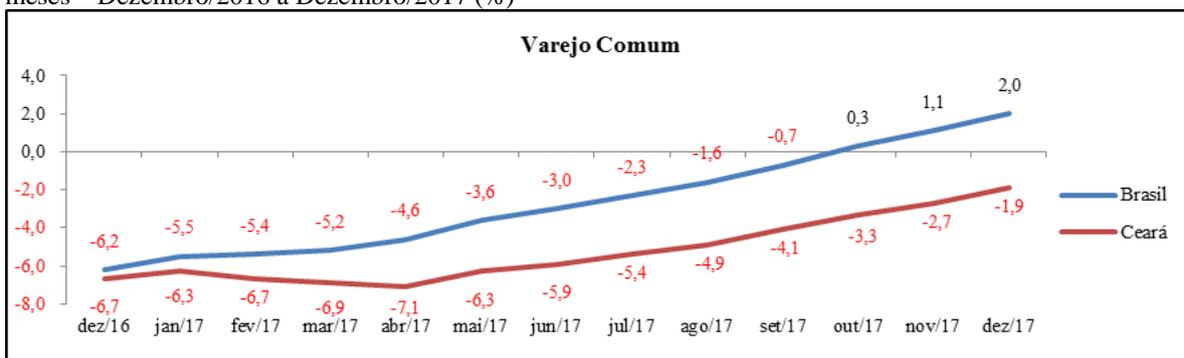


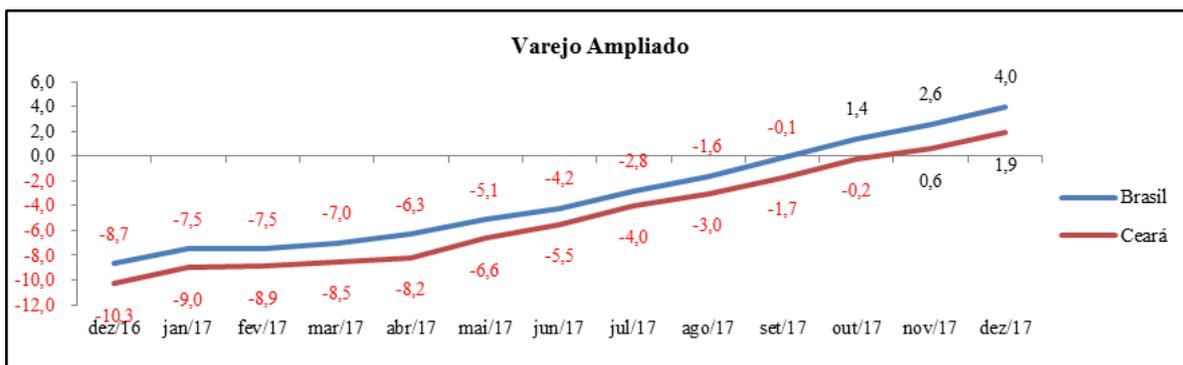
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já com relação ao varejo ampliado, a sequência de dois bons resultados observados no terceiro e quarto trimestres do ano conseguiram reverter a trajetória negativa observada até então, passando a registrar variação positiva no acumulado do ano de 2017. Ou seja, o varejo nacional e cearense apresentaram nítida recuperação na comparação com os anos de 2015 e 2016. Por fim, vale destacar que o movimento de recuperação das vendas do varejo foi mais intenso no âmbito nacional que no âmbito estadual.

O Gráfico 2.16 abaixo apresenta a trajetória da variação do volume de vendas do varejo para o acumulado de 12 meses tanto para o varejo comum quanto para o varejo ampliado nacional e cearense entre os meses de dezembro de 2016 e dezembro de 2017. Pelo exposto é possível confirmar a trajetória de recuperação das vendas do varejo comum cearense já a partir de maio de 2017, enquanto o varejo ampliado já vinha registrando desaceleração da retração durante todo o ano de 2017, alcançando variação positiva apenas em novembro do referido ano.

Gráfico 2.16: Variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado de 12 meses – Dezembro/2016 a Dezembro/2017 (%)





Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por fim, a Tabela 2.9, a seguir, apresenta a variação anual do volume de vendas do varejo por setores nacional e cearense por atividades para o período acumulado até o 4º trimestre dos últimos cinco anos.

Nota-se que de um total de treze atividades, seis delas registraram variação positiva nas vendas do varejo cearense para o acumulado do ano de 2017: Material de construção (+17,7%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+15,4%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+12,9%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+9,5%); Veículos, motocicletas, partes e peças (+7,2%); e Eletrodomésticos (+1,6%).

Por outro lado, as atividades que registraram as maiores retrações nas vendas foram: Móveis (-28,6%); e Combustíveis e lubrificantes (-24,5%), seguidas por Livros, jornais, revistas e papelaria (-15,1%); Móveis e eletrodomésticos (-10,9%); Hipermercados e supermercados (-6,9%); Tecidos, vestuário e calçados (-2,8%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,4%).

Diante esses resultados é possível afirmar que algumas atividades apresentaram nítida recuperação de vendas frente ao resultado negativo observado em 2016 e que outras expressaram uma deterioração ainda mais intensa no ritmo de vendas, a exemplo de Móveis e de Combustíveis e lubrificantes.

Na comparação com o país, o Ceará registrou quedas bem mais expressivas nas vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria; Combustíveis e lubrificantes e de Móveis, revelando o momento difícil vivido por essas atividades no último ano.

Tabela 2.9: Variação anual do volume de vendas do varejo por atividades – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º Trimestre/2013 a 2017 (%)

Atividades	Brasil					Ceará				
	2013	2014	2015	2016	2017	2013	2014	2015	2016	2017
Material de construção	6,9	0,0	-8,4	-10,7	9,2	3,5	7,8	-6,4	-21,4	17,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,9	-1,7	-1,8	-12,3	-3,1	-0,2	3,9	-25,1	-10,9	15,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	10,1	9,0	3,0	-2,1	2,5	17,1	4,4	6,1	-5,2	12,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	10,3	7,9	-1,3	-9,5	2,1	3,1	15,3	0,4	-11,6	9,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	1,5	-9,4	-17,8	-14,0	2,7	-8,1	-0,3	-18,2	-16,7	7,2
Eletrodomésticos	8,6	0,9	-13,0	-12,8	10,2	-3,6	5,8	-12,5	-28,2	1,6
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,9	1,3	-2,5	-3,1	1,4	-0,4	2,0	-5,2	-3,1	-0,4
Tecidos, vestuário e calçados	3,4	-1,1	-8,6	-10,9	7,6	6,3	9,4	2,1	-3,3	-2,8
Hipermercados e supermercados	1,9	1,3	-2,6	-3,1	1,8	-0,5	2,4	-4,7	-2,8	-6,9
Móveis e eletrodomésticos	4,9	0,6	-14,1	-12,6	9,5	5,9	6,7	-10,8	-17,7	-10,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,6	-7,7	-10,9	-16,1	-4,2	-1,5	-8,4	-11,7	-21,6	-15,1
Combustíveis e lubrificantes	6,3	2,6	-6,1	-9,2	-3,3	12,2	9,8	-4,4	-4,6	-24,5
Móveis	-1,6	0,5	-16,5	-12,1	-2,2	23,9	7,8	-8,0	-1,9	-28,6

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Merece destaque as vendas de Material de construção; Veículos, motocicletas, partes e peças; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos e Outros artigos de uso pessoal e doméstico por apresentarem crescimento nas vendas estaduais superior ao registrado no país. E também as vendas de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação por apresentar crescimento no estado enquanto no país tal atividade registrou queda nas vendas.

Por fim, nota-se que o varejo nacional apresentou queda em apenas quatro das treze atividades observadas: Livros, jornais, revistas e papelaria (-4,2%); Combustíveis e lubrificantes (-3,3%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-3,1%) e Móveis (-2,2%), revelando uma recuperação mais nítida desse setor comparado ao ano de 2016.

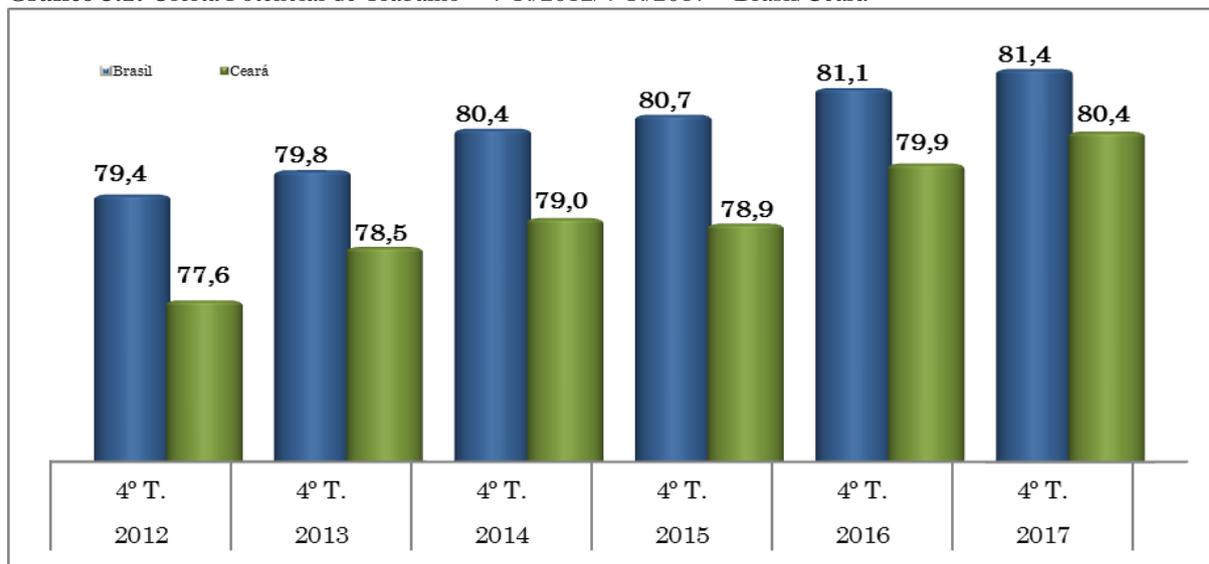
3 MERCADO DE TRABALHO

3.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

Esta seção descreve o Mercado de Trabalho do Ceará a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dados do Gráfico 3.1 descreve que a Oferta Potencial de Trabalho do Estado do Ceará encontra-se na etapa do Bônus Demográfico na medida em que a População em Idade de Trabalhar (PIT) expande-se mais velozmente que a População Total (PT). Como pode ser observado, a Oferta Potencial de Trabalho (PIT/PT) pode ser afetada tanto pela População em Idade de Trabalhar (PIT) como pela População Total (PT).

Gráfico 3.1: Oferta Potencial de Trabalho – 4ºT./2012/4ºT./2017 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

Do quarto trimestre de 2016 ao quarto trimestre de 2017 a expansão da Oferta Potencial de Trabalho do Ceará evoluiu de 79,9% para o 80,4% – crescimento de 0,5 ponto percentual (p.p.). Adicionalmente, a Oferta Potencial de Trabalho do Brasil é maior que a do Ceará em razão da PIT nacional ser maior que sua PT em termos proporcionais (mais adultos e menos crianças resulta em Oferta de Trabalho maior). Isso ocorre por conta do Bônus Demográfico – a Força de Trabalho expande mais velozmente que a População - o contingente de trabalhadores se amplia num ritmo maior.

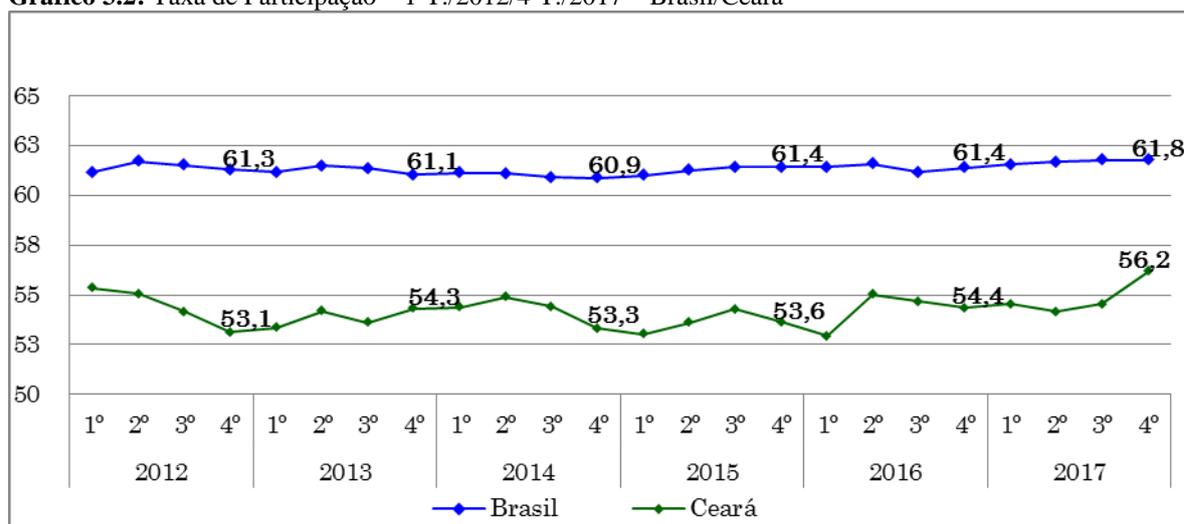
Destaca-se, também, no quarto trimestre de 2017 a Oferta Potencial de Trabalho nacional esteve 1,0 ponto percentual acima da Oferta Potencial de Trabalho do Estado do Ceará. No quarto trimestre de 2012 a diferença era de 1,8 ponto percentual.

Por sua vez, o Gráfico 3.2 apresenta a Taxa de Participação (TP), também denominada de Taxa de Atividade, variável que mede a Efetiva Oferta de Trabalho em relação ao contingente populacional que estar apto a trabalhar – razão entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalho (PIT).

Ressalta-se que a Taxa de Atividade do Ceará após atingir a mínima histórica de 52,9% no primeiro trimestre de 2016, observa-se que do quarto trimestre de 2016 ao quarto trimestre de 2017 a Taxa de Participação do estado cresceu quase 2 pontos percentuais (de 54,4% para 56,2%).

Além disso, a Taxa de Participação do Brasil ainda encontra-se 5,6 p.p. acima da Taxa de Participação do Ceará neste quarto trimestre de 2017. Como visto acima, em razão de um efeito eminentemente demográfico, 1,0 p.p. dessa diferença é explicada por uma menor Oferta Potencial de Trabalho. Os restantes 4,6 p.p. podem ser explicados por questões relacionadas as especificidades do Mercado de Trabalho cearense ou mesmo diferenças de comportamento por conta de incentivos que levem trabalhadores a deixarem a condição de Atividade e ficarem na condição de não atividade.

Gráfico 3.2: Taxa de Participação – 1ºT./2012/4ºT./2017 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

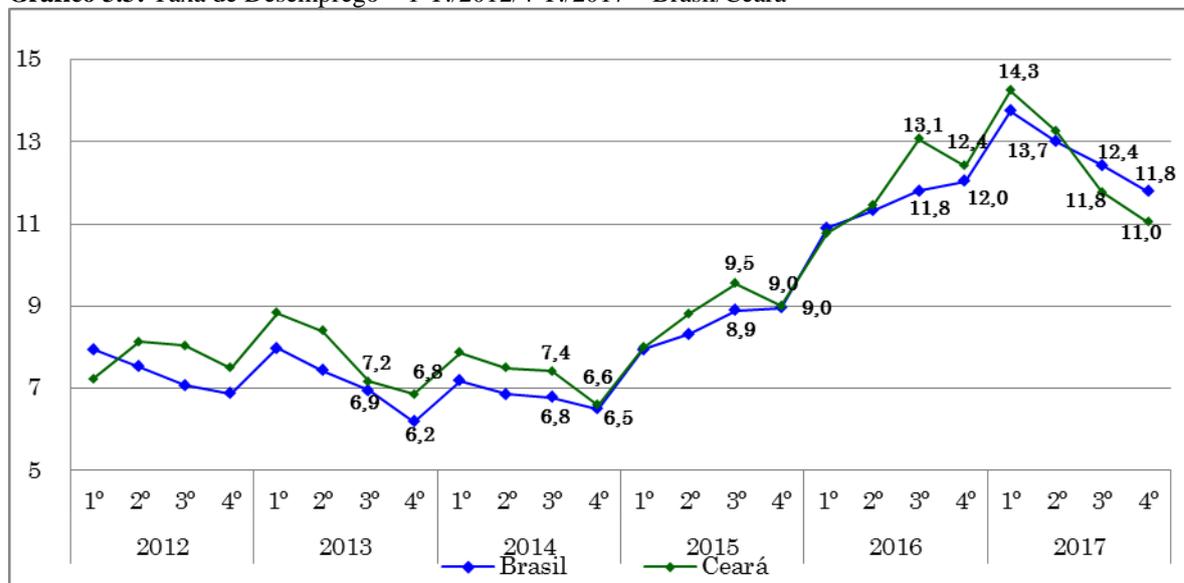
Por fim, o Gráfico 3.3 apresenta a Taxa de Desemprego (TD), também denominada de Taxa de Desocupação. É um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que foram a busca e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

Desde que atingiu a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. Neste quarto trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11%, um recuo de 3,3 p.p. com relação à máxima atingida de 14,3% no primeiro trimestre do ano. No Brasil, a Taxa de Desemprego também segue em queda desde a máxima histórica no mesmo período.

Além disso, o cenário de recuperação da atividade econômica tem levado pessoas Fora da Força de Trabalho a retorna a Força de Trabalho, o que explica o maior crescimento da Taxa de Atividade cearense.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados, considerando a mínima histórica alcançada no quarto trimestre de 2014. Por outro lado, o influxo de pessoas Fora da Força de Trabalho para a Força de Trabalho não permitiu uma queda ainda mais intensa do desemprego no estado.

Gráfico 3.3: Taxa de Desemprego – 1ºT./2012/4ºT./2017 – Brasil/Ceará



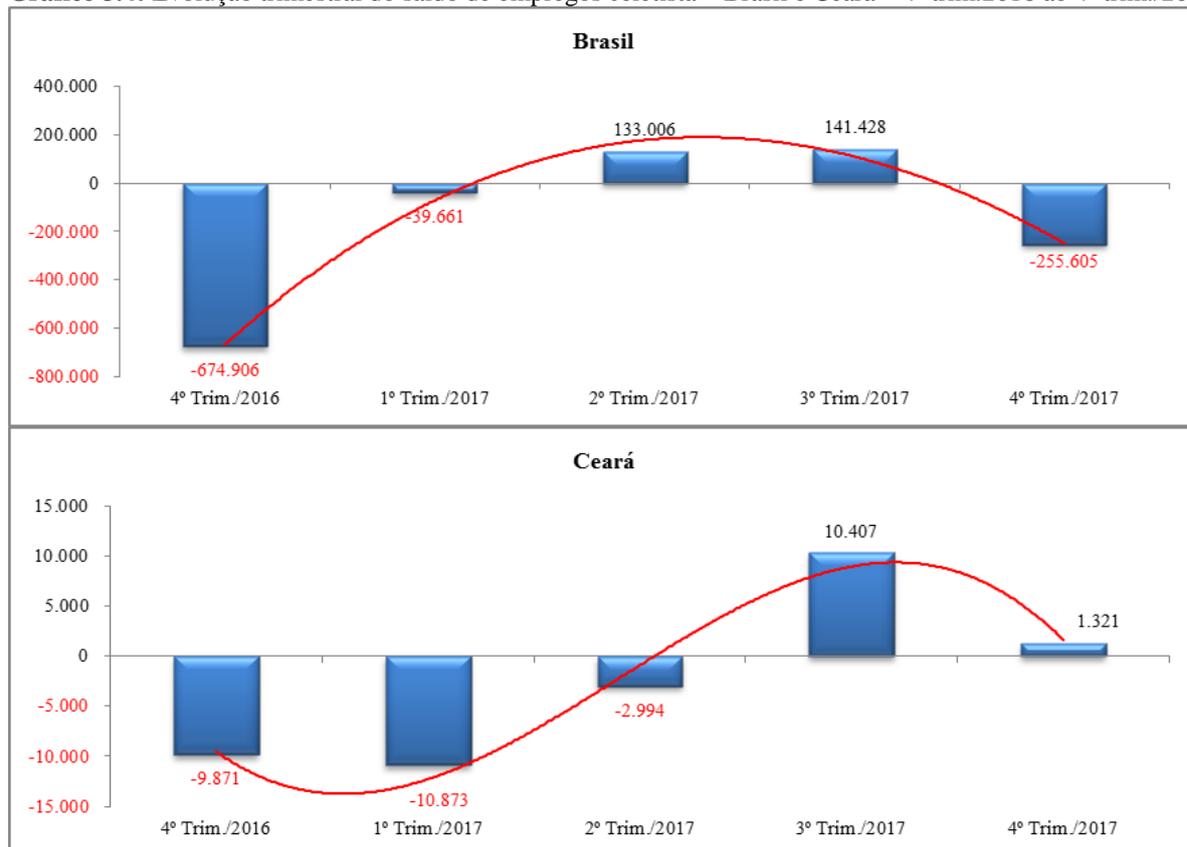
Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

3.2. Emprego Formal

Pela análise dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho é possível observar a dinâmica do saldo de empregos trimestral para o Brasil e Ceará ao longo do ano de 2017. Nota-se que o país apresentou saldo positivo de empregos no segundo (+133.006 vagas) e terceiro (+141.428 vagas) trimestres, voltando a registrar fechamento de postos de trabalho no último trimestre do ano (-255.605 vagas) como já era de se esperar.

Enquanto isso, o estado do Ceará registrou uma forte criação de vagas do segundo para o terceiro trimestre alcançando a marca de 10.407 postos de trabalho. No último trimestre do ano, diferente do ocorrido no Brasil, o estado manteve a geração de postos de trabalho com saldo positivo de 1.321 vagas, graças aos saldos positivos observados nos meses de outubro (+3.213 vagas) e novembro (+2.671 vagas) do referido ano.

Gráfico 3.4: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – 4º trim.2016 ao 4º trim./2017

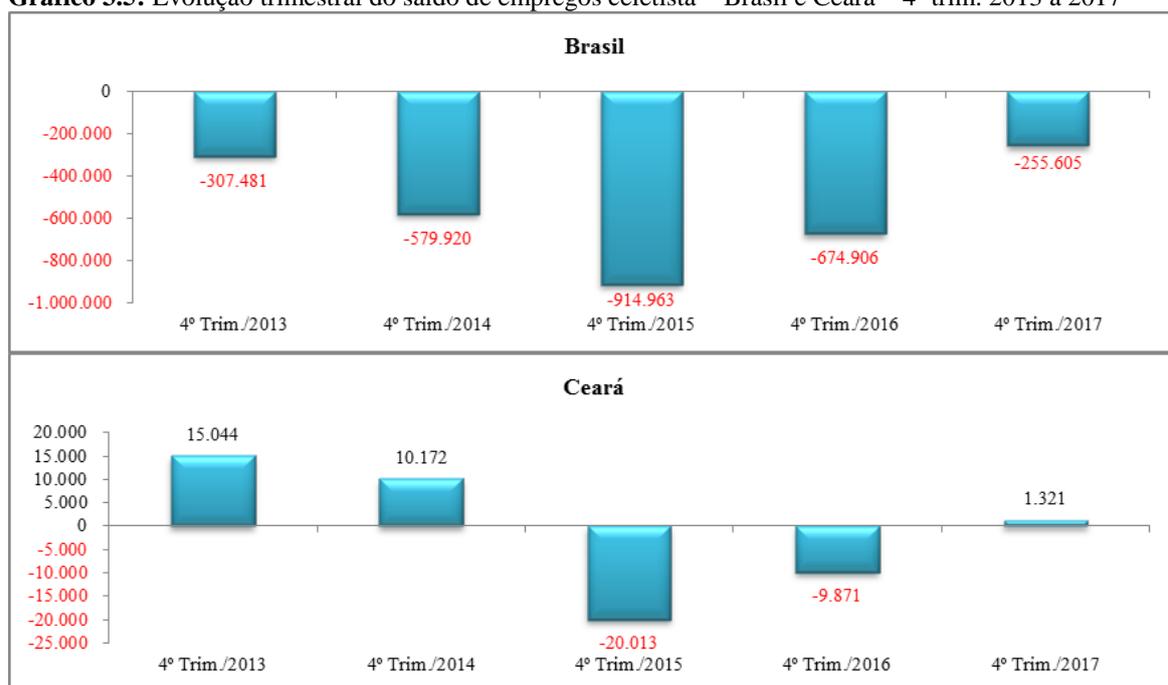


Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018.

O Gráfico 3.5 a seguir apresenta o saldo de empregos celetistas apenas para o quarto trimestre dos últimos cinco anos, apontando para o menor saldo negativo registrado pelo país para o referido período dando indícios claros da recuperação da economia nacional quando

comparado aos quartos trimestres dos anos de 2015 (-914.963 vagas) e 2016 (-674.906 vagas). Diferente do país, o mercado de trabalho cearense esboçou uma melhora mais consistente quando passou a apresentar saldo positivo de empregos no último trimestre de 2017 (+1.321 postos), seguindo a trajetória de recuperação da economia quando comparado ao ocorrido no mesmo período nos últimos dois anos, 2015 (-20.013 vagas) e 2016 (-9.871 vagas).

Gráfico 3.5: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – 4º trim. 2013 a 2017



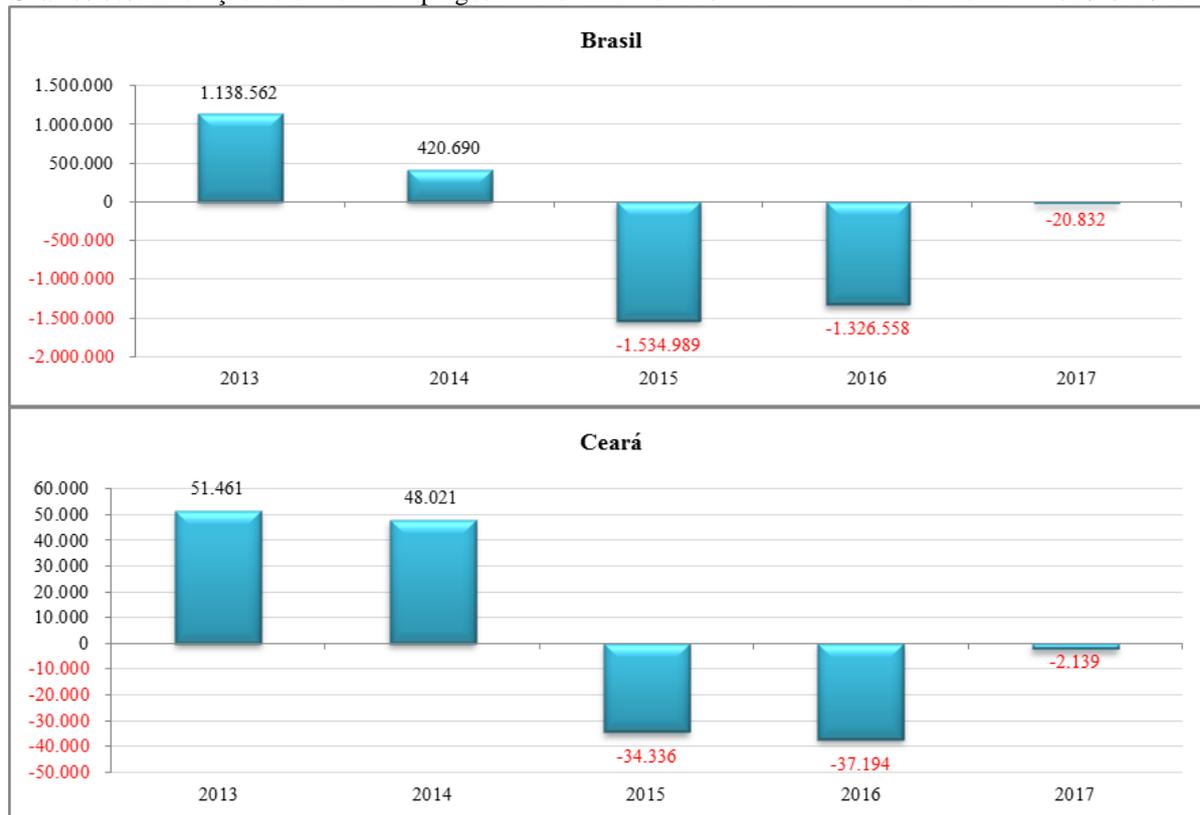
Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018.

Como reflexo dos saldos de empregos trimestrais tem-se o acumulado para o total do ano dos últimos cinco anos apresentado no Gráfico 3.6 abaixo. Em função do elevado saldo negativo de empregos observado no final do ano de 2017, isso não foi o suficiente para impedir também um saldo negativo de empregos para o acumulado do ano em 20.832 vagas. Nota-se que 2017 foi o terceiro ano a registrar saldo negativos de empregos no país com carteira assinada, porém, num patamar bem inferior aquele observado nos anos de 2015 (-1.534.989 vagas) e 2016 (-1.326.558 vagas), revelando dessa forma um movimento consistente de recuperação do mercado de trabalho nacional por apresentar uma nítida desaceleração do ritmo de destruição de vagas com carteira assinada.

O estado do Ceará, apesar das contribuições positivas dos últimos dois trimestres do ano, isso também não foi o suficiente para que o ano 2017 fechasse com saldo positivo de empregos celetistas. No entanto, semelhantemente ao ocorrido no país, o mercado de trabalho cearense também registrou um fechamento de vagas bem inferior ao observado nos últimos dois anos,

2015 (-34.336 vagas) e 2016 (-37.194 vagas), reforçando a trajetória de melhoria nas condições macroeconômicas do país e seus efeitos sobre a desaceleração do ritmo de fechamento de postos de trabalho com carteira assinada, ou seja, sinais claros de redução dos efeitos da crise sobre as expectativas dos agentes econômicos ocorrendo de forma mais intenso na segunda metade do ano.

Gráfico 3.6: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º trim./2013-2017



Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018.

Na Tabela 3.1 tem-se o saldo acumulado do ano também para os últimos cinco anos. Em 2016, apenas Roraima gerou vagas de trabalho com carteira assinada. Em 2017, esse número aumentou para quinze estados com Santa Catarina tendo apresentado o maior saldo de 29.441 vagas e o Ceará o nono maior saldo negativo de 2.139 vagas.

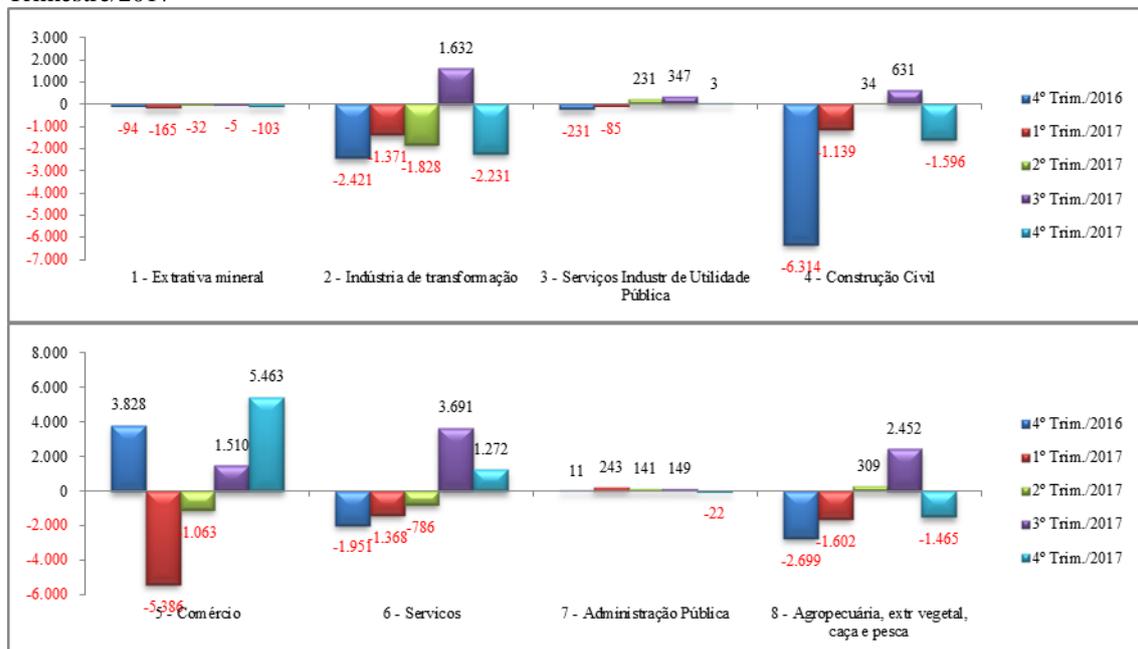
Tabela 3.1: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Estados – Acumulado até o 4º Trimestre/2013-2017

Estados	2013	2014	2015	2016	2017
Santa Catarina	75.852	53.017	-58.639	-32.769	29.441
Goiás	63.716	27.376	-23.731	-19.327	25.370
Minas Gerais	85.313	15.253	-196.576	-118.015	24.296
Mato Grosso	26.451	3.741	-14.551	-17.900	15.985
Paraná	89.109	39.861	-76.162	-60.921	12.127
Piauí	12.945	11.558	-2.140	-12.612	4.540
Tocantins	7.463	8.259	-2.065	-3.991	3.759
Roraima	201	2.326	-124	268	2.256
Rondônia	-2.685	-1.016	-15.763	-12.022	1.571
Maranhão	17.474	1.932	-15.351	-17.642	1.221
Rio Grande do Norte	14.093	10.757	-11.929	-15.653	848
Bahia	53.814	22.873	-76.090	-73.067	839
Distrito Federal	21.555	9.519	-15.070	-27.252	342
Amazonas	26.156	-3.829	-36.296	-17.356	78
Acre	2.071	1.160	-1.848	-2.771	42
Amapá	4.151	-529	-4.628	-3.685	-320
Sergipe	13.978	9.654	-4.933	-15.314	-1.381
Espírito Santo	19.799	10.091	-44.835	-37.914	-2.053
Ceará	51.461	48.021	-34.336	-37.194	-2.139
Paraíba	16.052	16.888	-14.971	-12.001	-3.485
Mato Grosso do Sul	19.422	2.043	-11.535	-1.931	-4.874
Pernambuco	35.068	-9.566	-87.207	-47.617	-6.612
São Paulo	260.417	44.865	-468.127	-396.852	-6.651
Para	29.132	21.074	-36.387	-39.432	-7.412
Rio Grande do Sul	90.286	23.601	-94.241	-53.501	-8.173
Alagoas	-628	-2.362	-4.303	-11.559	-8.255
Rio de Janeiro	105.896	54.123	-183.151	-238.528	-92.192
Total	1.138.562	420.690	-1.534.989	-1.326.558	-20.832

Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018. Ordenado por 2017.

O Gráfico 3.6 apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores para a economia cearense ao longo dos trimestres de 2017. Nota-se que o setor de Comércio foi o grande destaque ao criar 5.463 vagas, seguido pelo setor de Serviços (+1.272 vagas) e por Serviços industriais de utilidade pública (+3 vagas).

Todos os outros cinco setores apresentaram destruição de postos de trabalho no período cuja maior foi observada na Indústria de transformação (-2.231 vagas); Construção civil (-1.596 vagas); Agropecuária (-1.465 vagas); Extrativa mineral (-103 vagas) e Administração pública (-22 vagas). Em boa parte o fechamento de vagas pode ser explicado por fatores principalmente sazonais, a exemplo da Agropecuária, Construção civil e Indústria de transformação.

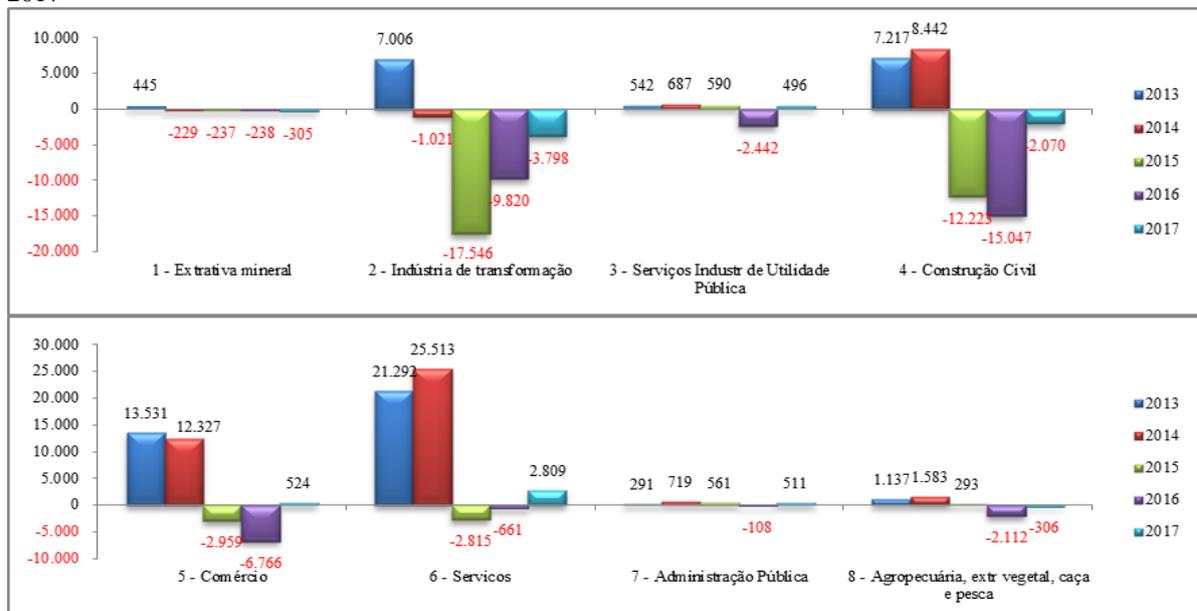
Gráfico 3.6: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores – Ceará – 4º Trimestre/2016 ao 4º Trimestre/2017

Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018.

Por fim, tem-se o saldo setorial anual. Dos oito setores analisados, quatro deles registraram criação de postos de trabalho com carteira assinada: Serviços (+2.809 vagas); Comércio (+524 vagas); Administração pública (+511 vagas); e Serviços industriais de utilidade pública, revelando nítida recuperação comparado aos dois anos de crise.

Por outro lado, outros quatro apresentaram nítidas perdas de vagas a exemplo da Indústria de transformação (-3.798 vagas); Construção civil (-2.070 vagas); Agropecuária (-306 vagas); Extrativa mineral (-305 vagas). Vale ressaltar que a destruição de postos de trabalho na Indústria de transformação foi bem menos intensa quando comparado ao ano de 2015 (-17.546 vagas) e 2016 (-9.820 vagas). Nota-se que a Construção civil também apresentou menor destruição de vagas na mesma comparação, 2015 (-12.223 vagas) e 2016 (-15.047 vagas), revelando, em parte, um cenário de desaceleração de crise.

Gráfico 3.7: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – Acumulado até o 4º Trimestre/2013-2017



Fonte: Caged/MTb. Elaboração: IPECE. Nota: Dados dentro e fora do prazo coletados em 01/03/2018.

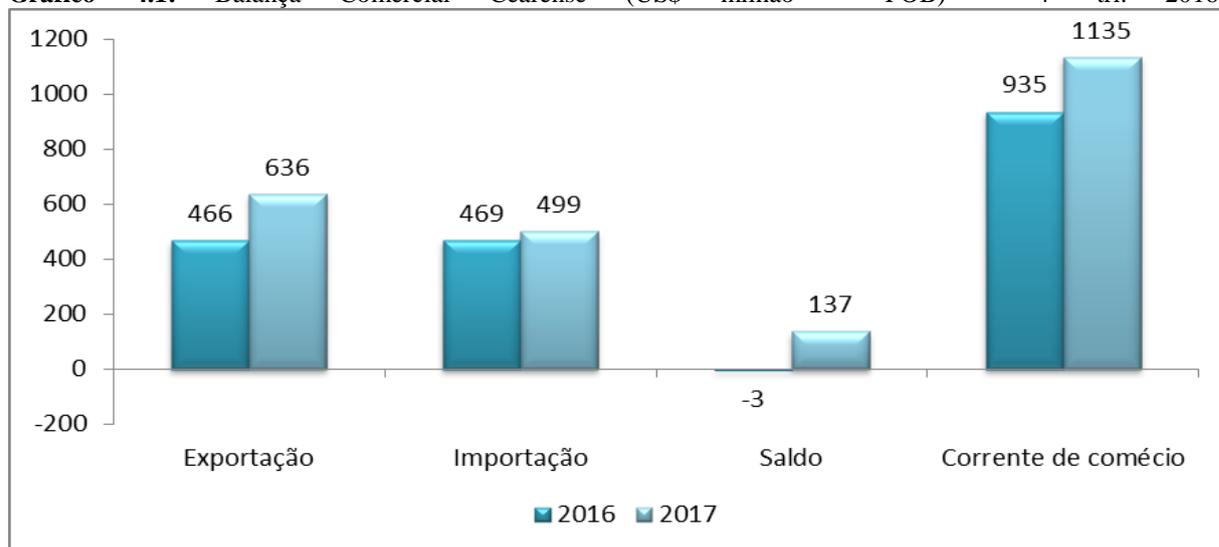
4 COMÉRCIO EXTERIOR

No último trimestre de 2017 as exportações cearenses alcançaram o valor de US\$ 636 milhões, apresentando crescimento da ordem de 26,7% quando comparado ao terceiro trimestre de 2017. O quarto trimestre de 2017 apresentou o maior valor exportado do ano. Em relação ao quarto trimestre de 2016, observou-se um crescimento de 36,4%. Na análise mensal, dezembro foi o mês com maior volume exportado do ano de 2017 (US\$ 231,4 milhões), registrando crescimento de 6,6% em relação ao mês anterior e 46% em relação a dezembro de 2016.

As importações do quarto trimestre de 2017 acumularam o valor de US\$ 499,3 milhões, menor valor importado do ano. As importações do trimestre apresentaram queda de 21,5% em relação ao terceiro trimestre do ano. Quando comparado ao quarto trimestre de 2016, houve um crescimento de 6,5%. Dezembro foi o segundo mês que menos importou no ano (US\$ 135,3 milhões), logo atrás de fevereiro (US\$ 126,8 milhões). O mês de setembro foi o mês com maior valor exportado do ano (US\$ 214,3 milhões).

O saldo da balança comercial cearense foi superavitário em US\$ 136,7 milhões no quarto trimestre de 2017, apresentando assim o melhor desempenho da série histórica que começou em 2008. Dezembro foi o mês que apresentou melhor desempenho na balança comercial do ano, obtendo um superávit de US\$ 96 milhões. A corrente de comércio do Ceará em 2017 cresceu fortemente, influenciada principalmente pelo aumento das exportações, destaque para o quarto trimestre que atingiu o valor de US\$ 1,135 bilhão, um aumento de 21,4% em relação ao mesmo período em 2016.

Gráfico 4.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 4º tri. 2016-2017



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

No *ranking* das exportações nacionais, São Paulo foi o estado que mais exportou em 2017, acompanhado de Minas Gerais e Rio de Janeiro, participando com 23,2%, 11,64%, 9,9% respectivamente. O estado do Ceará encontra-se na 14ª posição, com participação de 0,96% do total exportado pelo país; em 2016 o estado participava com apenas 0,69%. Quanto às exportações da região Nordeste, o Ceará é o terceiro estado que mais exporta na região, participando com 12,54% do total exportado; em 2016 essa participação era de 10%. Pelo lado das importações, São Paulo é também o maior importador, respondendo com 36,9% das compras externas do país, em seguida vem Santa Catarina e Rio Grande do Sul participando com 8,4% e 7,5%, respectivamente. O estado do Ceará é o 14º maior importador, participando com 1,26% das compras externas do país. Quanto as importações nordestinas, o Ceará é o quarto maior importador, respondendo por 10,1% das compras externas da região.

Exportações

No quarto trimestre de 2017, as exportações cearenses foram lideradas pelos *Produtos Metalúrgicos*. Nesse período foram exportados US\$ 329 milhões desse setor, representando 51,7% da pauta exportadora do estado. Em relação ao mesmo período de 2016 observou-se um crescimento de 123,72%. Os produtos mais exportados desse setor foram: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*; e *Ferro e aços não ligados*.

A exportação de *Calçados* ocupou o segundo lugar no *ranking* da pauta cearense no quarto trimestre de 2017, o setor participou com 15,9% da pauta (US\$ 101 milhões). Em comparação ao mesmo período de 2016, o setor aumentou suas vendas em 6,8%. Por sua vez, as vendas externas de *Frutas* voltaram a crescer no terceiro trimestre de 2017, apresentando variação de 49,2%, atingindo o montante de US\$ 58,5 milhões. Esses produtos ocuparam o terceiro lugar na pauta exportadora cearense.

Couros e Peles exportaram o valor de US\$ 26,6 milhões, 4,19% da pauta de exportações do estado. Esse valor foi menor do que o observado no mesmo período de 2016 (US\$ 29,9 milhões), apresentando assim uma queda de 11%.

Além dos três setores mais exportados, *Lagosta* também teve variação positiva em relação a 2016, obtendo um crescimento de 37,55%. A *Lagosta* participou com 2,29% da pauta exportadora (US\$ 14,58 milhões).

Dos principais setores exportadores do estado do Ceará, destacam-se àqueles que apresentaram queda em comparação ao quarto trimestre de 2016: *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes* (-54,2%); *Produtos da Indústria de Alimentos e Bebidas* (-29,5%); *Ceras Vegetais* (-23,6%); *Couros e Peles* (-11,02%); *Têxteis* (-3,39%).

No quarto trimestre de 2017 na exportação cearense os dez principais produtos representaram 94% da pauta exportadora do estado, em 2016 eles representavam 88%, indicando assim um aumento da concentração da pauta.

Tabela 4.1: Principais produtos exportados – 4º tri. 2016-2017 (US\$ FOB)

Descrição dos produtos	4º tri. 2016		4º tri. 2017		Var % 2017/2016
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Produtos Metalúrgicos	147.103.875	31,55	329.099.362	51,74	123,72
Calçados e suas partes	94.689.230	20,31	101.099.423	15,89	6,77
Frutas (Exceto Castanha de caju)	39.228.867	8,41	58.534.406	9,20	49,21
Couros e Peles	29.931.634	6,42	26.634.439	4,19	-11,02
Castanha de caju sem casca	24.922.261	5,35	24.486.220	3,85	-1,75
Produtos Ind. de Alim. e Beb.	22.626.558	4,85	15.956.090	2,51	-29,48
Lagosta	10.601.848	2,27	14.582.790	2,29	37,55
Ceras Vegetais	16.023.455	3,44	12.246.081	1,93	-23,57
Têxteis	9.898.918	2,12	9.562.953	1,50	-3,39
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes	14.997.510	3,22	6.865.145	1,08	-54,22
<i>Principais Produtos</i>	410.024.156	87,95	599.066.909	94,18	46,11
<i>Demais produtos</i>	56.170.129	12,05	36.990.360	5,82	-34,15
Ceará	466.194.285	100,00	636.057.269	100,00	36,44

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

No quarto trimestre de 2017 os principais parceiros do Ceará nas exportações foram: Turquia, Estados Unidos, México, Holanda e Áustria, juntos esses países responderam por 48,13% de tudo que o estado exportou no período.

A Turquia aparece pela primeira vez em 2017 como o principal destino das exportações cearenses. Para esse país foram exportados US\$ 95,7 milhões, 15% da pauta exportadora do quarto trimestre de 2017. Comparado ao mesmo período de 2016, as exportações para o país cresceram 124,9%. A Turquia nos últimos dois anos vem ganhando espaço na pauta exportadora do estado, para lá são exportados principalmente: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado e Ceras vegetais*.

Os Estados Unidos foi o segundo país que mais exportou produtos cearenses, participando com 14,36% da pauta exportadora do quarto trimestre de 2017. Os principais produtos exportados para esse país foram: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Castanha de Caju; Calçados; Lagostas; Couros e Peles; e Ceras Vegetais*.

O México aparece em terceiro lugar no ranking dos principais destinos das exportações cearenses para onde foram vendidos US\$ 51,15 milhões, correspondendo a 8% da pauta

exportadora. Comparado ao ano de 2016, houve um crescimento de 34,36% das exportações destinadas ao país. Os principais produtos exportados para lá foram: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Couros e Peles; Castanha de Caju; Calçados; e Lagostas.*

A Holanda aparece como o quarto maior comprador de mercadorias cearenses, importando o valor de US\$ 34,2 milhões, representando 5,38% da pauta exportadora do estado. Em comparação ao quarto trimestre de 2016, o crescimento das exportações destinadas a esse país foi de 49,4%. Os principais produtos destinados para esse país são: *Melões; Melancias; Castanha de Caju; e Calçados.*

Cabe destaque para a Áustria, o quinto maior parceiro de exportações do Ceará, o país participou com 5,29% (US\$ 33,6 milhões) da pauta exportadora do estado. Em 2016, a participação do país era de apenas 0,13%. Dos principais países que importaram do Ceará, a Áustria apresentou o maior crescimento (5.663,7%) no quarto trimestre de 2017, comparado ao mesmo período de 2016. Para esse país são exportados principalmente: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Calçados; e Couros e Peles.*

Outro destaque é a Coreia do Sul, que apresentou maior crescimento (2.756,8%) entre os principais importadores de produtos cearenses. No quarto trimestre de 2017 o país participou com 4,67% da pauta exportadora do estado, no mesmo período de 2016 a participação era de apenas 0,22%. Para a Coreia do Sul foram destinados principalmente: *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Calçados; e Ceras Vegetais.*

Tabela 4.2: Principais Destinos das Exportações (US\$ FOB) – 4º tri. 2016-2017

Principais países	4º trim. 2016		4º trim. 2017		Var %
	US\$	Part. %	US\$	Part. %	
Turquia	42.571.086	9,13	95.753.414	15,05	124,93
Estados Unidos	91.089.276	19,54	91.315.259	14,36	0,25
México	38.071.471	8,17	51.153.138	8,04	34,36
Países Baixos (Holanda)	22.908.934	4,91	34.231.785	5,38	49,43
Áustria	584.010	0,13	33.660.792	5,29	5663,74
Reino Unido	14.903.882	3,20	32.505.305	5,11	118,10
Coreia do Sul	1.039.509	0,22	29.696.831	4,67	2756,81
Argentina	31.425.109	6,74	28.317.100	4,45	-9,89
Itália	20.859.693	4,47	24.262.870	3,81	16,31
Espanha	11.671.289	2,50	23.438.803	3,69	100,82
<i>Principais países</i>	275.124.259	59,01	444.335.297	69,86	61,50
<i>Demais países</i>	191.070.026	40,99	191.721.972	30,14	0,34
Total	466.194.285	100,00	636.057.269	100,00	36,44

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

No quarto trimestre de 2017, as importações foram lideras pelo grupo de *Combustíveis Minerais*, e alcançou o valor de US\$ 185 milhões, correspondendo a 37% da pauta de importação do Ceará com crescimento de 51,9%, em relação ao mesmo período de 2016. Os principais produtos importados do grupo foram: *Hulha betuminosa e Gás liquefeito*.

Os *Produtos da Indústria Química* seguem em segundo lugar do ranking da pauta importadora do estado, com o valor de US\$ 65,5 milhões no quarto trimestre de 2017. A importação dos produtos desse grupo apresentou crescimento de 50,7%, em relação ao mesmo período de 2016.

A importação de *Cereais* atingiu o valor de US\$ 47,2 milhões no quarto trimestre de 2017, ocupando o terceiro lugar da pauta de importação do Ceará. Comparado com o quarto trimestre de 2016, as importações de cereais caíram 44,5%. Essa redução ocorreu principalmente nos produtos *Arroz semibranqueado ou branqueado e Milho em grão*.

Reatores nucleares, máquinas e suas partes representou 7,9% do valor total importado pelo Ceará no quarto trimestre de 2017. Em relação ao mesmo período em 2016, houve uma queda de 4,96%.

Tabela 4.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 4º tri. 2016-2017

Principais produtos	4º trim 2016		4º trim 2017		Var (%) 2017/2016
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Combustíveis minerais e outros derivados	121.808.738	25,97	185.045.320	37,06	51,91
Produtos Ind. Química	43.452.323	9,26	65.488.444	13,12	50,71
Cereais	85.181.693	18,16	47.273.750	9,47	-44,50
Reatores nucleares, máquinas e suas partes	41.452.918	8,84	39.436.852	7,90	-4,86
Têxteis	33.620.137	7,17	26.016.265	5,21	-22,62
Plásticos, Borrachas e suas obras	18.394.774	3,92	22.590.105	4,52	22,81
Máquinas, materiais elétricos e suas partes	22.297.242	4,75	20.344.991	4,07	-8,76
Produtos Metalúrgicos	40.189.173	8,57	16.507.829	3,31	-58,92
Papel e cartão	2.497.745	0,53	7.635.420	1,53	205,69
Couros e Peles	2.839.445	0,61	5.584.453	1,12	96,67
<i>Principais produtos</i>	411.734.188	87,79	435.923.429	87,30	5,87
<i>Demais produtos</i>	57.265.906	12,21	63.413.134	12,70	10,73
Ceará	469.000.094	100,00	499.336.563	100,00	6,47

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

Origens

A China foi o principal fornecedor de produtos importados para o Ceará, participando com 15,9% da pauta importadora do estado. Desse país foi importado o valor de US\$ 79,4 milhões no ultimo trimestre de 2017. Porém, esse valor foi menor do que o verificado em 2016,

registrando queda de 24,5% em relação ao mesmo período de 2016. Os principais produtos adquiridos desse país são: *Produtos da Indústria Química; Partes e acessórios de motocicletas; e Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado.*

Os Estados Unidos é o segundo maior fornecedor de produtos no último trimestre de 2017, correspondendo com US\$ 78,8 milhões e 18,8% da pauta importadora do estado. Na comparação com o quarto trimestre de 2016, registrou-se uma queda de 9,15% nas compras oriundas desse país. Os principais produtos importados dos Estados Unidos foram: *Hulha betuminosa; Coque de petróleo não calcinado; e Aviões e outros veículos aéreos.*

A Colômbia foi o terceiro país do qual o Ceará mais importou no quarto trimestre de 2017. Do país foi importado o valor de US\$ 56,5 milhões, uma grande diferença quando comparado com o mesmo período de 2016, quando foi adquirido apenas US\$ 22,9 milhões. O elevado aumento das importações oriundas desse país foi devido a aquisição *Hulha betuminosa e Óleos de dendê*, sendo estes os principais produtos importados da Colômbia.

Dos principais países dos quais o Ceará importou, a Índia foi o que obteve maior crescimento em relação ao quarto trimestre de 2016, com um crescimento de 152,2%. A participação do país saltou de 1,46%, em 2016, para 3,45% no quarto trimestre de 2017. Os produtos oriundos desse país foram: *Produtos da Indústria Química; Reatores nucleares, máquinas e suas partes; e Produtos Metalúrgicos.*

Tabela 4.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 4º tri. 2016-2017

Principais países	4º trim 2016		4º trim 2017		Var %
	US\$	Part %	US\$	Part %	
China	105.153.054	22,42	79.414.783	15,90	-24,48
Estados Unidos	86.830.298	18,51	78.882.637	15,80	-9,15
Colômbia	22.910.956	4,89	56.571.022	11,33	146,92
Argentina	47.427.382	10,11	43.318.892	8,68	-8,66
Austrália	22.149.113	4,72	32.917.387	6,59	48,62
Nigéria	25.844.775	5,51	24.640.019	4,93	-4,66
Alemanha	15.504.882	3,31	18.398.053	3,68	18,66
Índia	6.838.843	1,46	17.247.578	3,45	152,20
Moçambique	16.362.470	3,49	17.216.692	3,45	5,22
Rússia	9.873.167	2,11	14.384.412	2,88	45,69
<i>Principais países</i>	358.894.940	76,52	382.991.475	76,70	6,71
<i>Demais países</i>	110.105.154	23,48	116.345.088	23,30	5,67
Total	469.000.094	100,00	499.336.563	100,00	6,47

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

5 FINANÇAS PÚBLICAS

As contas públicas cearenses, do quarto trimestre de 2017, à primeira vista, apresentam resultados negativos quando comparado ao mesmo período do ano anterior, dada a significativa redução das receitas do Governo quando se compara com idêntico período do ano anterior. Nesse sentido, constata-se a redução de 9,2% das “Receitas Correntes” no quarto trimestre de 2017, sendo essa queda explicada pelo comportamento das “Transferências Correntes” e pela “Receita Tributária”. No acumulado do ano, constata-se, ainda, que as “Receitas Correntes” decresceram 2,0%, relativamente ao ano anterior, sendo esse resultado derivado do comportamento das “Transferências Correntes” e “Outras Receitas Correntes”.

Tabela 5.1: Receitas do Governo Estadual no Quarto trimestre de 2016 e 2017 (R\$1.000,00 de 4º trim. 2017)

Descrição	4º Trim.					Acumulado				
	2016		2017		Var (%)	2016		2017		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	6.450.741	85,9	5.855.091	73,2	-9,2	22.263.344	87,8	21.810.849	85,0	-2,0
Receita tributária	3.340.343	44,5	3.250.238	40,6	-2,7	12.143.881	47,9	12.319.256	48,0	1,4
Transferências correntes	2.485.544	33,1	1.961.123	24,5	-21,1	7.906.323	31,2	7.558.790	29,5	-4,4
Outras receitas correntes	624.854	8,3	643.730	8,0	3,0	2.213.140	8,7	1.932.804	7,5	-12,7
Receitas de capital	612.299	8,2	1.707.555	21,3	178,9	1.827.863	7,2	2.549.334	9,9	39,5
Operações de crédito	283.834	3,8	1.458.442	18,2	413,8	1.159.695	4,6	2.058.040	8,0	77,5
Outras receitas de capital	328.465	4,4	249.113	3,1	-24,2	668.168	2,6	491.295	1,9	-26,5
Receitas intraorçamentárias	446.801	5,9	437.407	5,5	-2,1	1.264.294	5,0	1.285.862	5,0	1,7
Total geral	7.509.841	100,0	8.000.053	100,0	6,5	25.355.500	100,0	25.646.046	100,0	1,1
Receita corrente líquida	5.525.714	73,6	4.830.735	60,4	-12,6	18.622.708	73,4	17.957.411	70,0	-3,6

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do quarto trimestre.

Essas reduções, comparativamente ao ano de 2016, devem-se ao significativo volume de receitas não recorrentes ocorridos no quarto trimestre de 2016. Nesse sentido, deve-se frisar que essas receitas totalizaram, a preços do quarto trimestre de 2017, R\$ 1.094 milhões. O maior volume de receitas não recorrentes deve-se a receitas do FPE, que totalizaram R\$ 561 milhões, decorrentes da repatriação de recursos promovida no ano de 2016 e, em segundo lugar, as receitas extraordinárias, de ITBI – Imposto ITCD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis ou Doação, de Quaisquer Bens ou Direitos, que totalizaram R\$ 535 milhões).

Se forem descontadas essas receitas extraordinárias as receitas correntes, no quarto trimestre de 2017, em relação ao de 2016, teriam crescido 9,3% e, as acumuladas no ano de 2017, 3,0%, comparativamente ao acumulado no ano anterior.

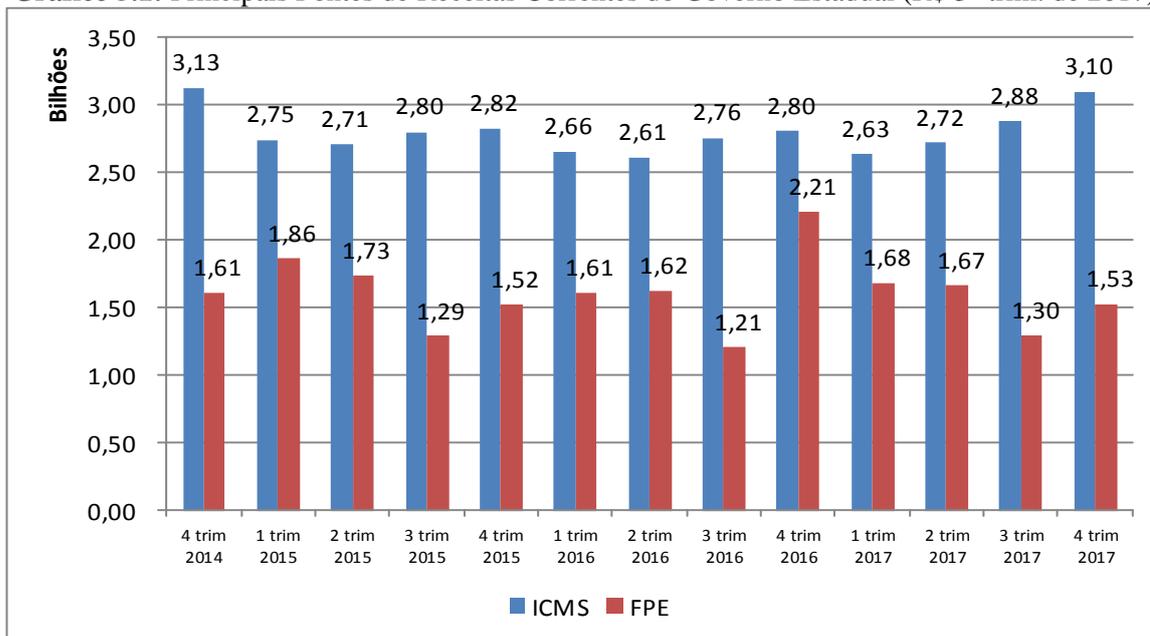
Quanto ao desempenho negativo das “Outras Receitas Correntes” deve-se mencionar que, em 2016, o Governo do Estado recorreu a diversas medidas para aumentar receitas não recorrentes, como o uso dos depósitos judiciais, que não foram utilizadas no decorrer do ano de 2017.

Outro fato que se deve mencionar, é que as incertezas, mencionadas nos relatórios anteriores, quanto ao comportamento das “Transferências Correntes” no ano de 2017, não se concretizaram e, descontadas os ingressos não recorrentes proporcionados pela repatriação de recursos, registraram um incremento de 1,3%, quando se compara com o ano de 2016.

Quanto as “Receitas de Capital” observa-se um significativo incremento de 178%, no quarto trimestre de 2017, decorrente das operações de crédito realizadas no referido período. Ao observar-se o acumulado do ano, constata-se um crescimento de 39,5% nas receitas de capital em 2017, quando comparada com 2016. Dessa forma, pode-se afirmar que houve uma concentração das operações de crédito no último trimestre do ano de 2017.

Um último ponto a ser destacado, quanto ao comportamento das receitas, é o decréscimo de 12,6% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o quarto trimestre de 2017 e idêntico período do ano anterior. No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção, decréscimo da RCL em 2017. Frise-se, mais uma vez, que esse comportamento é uma decorrência das receitas não recorrentes do quarto trimestre de 2016. É importante observar o comportamento desse indicador, pois se considera essa receita para o cálculo dos limites de gastos com pessoal estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 5.1. Como pode ser observado, as receitas de ICMS, no quarto trimestre de 2017, atingiram o maior nível desde o 4º trimestre de 2014, sendo possível constatar que, em desde o segundo trimestre de 2017, as receitas de ICMS estão superiores as de 2016. Esse comportamento é um possível resultado da recuperação da economia local.

Gráfico 5.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 3º trim. de 2017)

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Com relação ao FPE, observa-se que as receitas do quarto trimestre de 2016 foram significativamente maiores que as do quarto trimestre de 2017, sendo isso uma consequência das receitas de repatriação já mencionada.

Do lado das despesas do Governo Estadual constata-se que as “Despesas Correntes”, comparando-se o quarto trimestre de 2017 com o de 2016, ficaram estáveis. Isso deveu-se ao fato de que o crescimento de 1,2% da despesa com “Pessoal e Encargos Sociais” ter sido compensado por uma redução de 3,0% das “Outras Despesas Correntes”. No acumulado do ano as “Despesas Correntes” cresceram 1,3%, quando comparado com 2016, sendo o principal motivo desse aumento as “Despesas com Pessoal e Encargos”, com um incremento de 2,0% no período. Por outro lado, as despesas com “Juros e Encargos da Dívida”, no acumulado do ano, apresentaram uma redução de 2,2%.

Por sua vez, as “Despesas de Capital”, no comparativo do quarto trimestre de 2017 com idêntico período de 2016, apresentou um significativo incremento de 52,7%, causado pelo incremento de 42,6% dos investimentos, de 82% das “Amortizações” e 70,8% das “Inversões Financeiras”. No acumulado do ano, as “Despesas de Capital” aumentaram em 8,7%, tendo sido registrado desempenho negativo nas “Inversões Financeiras”.

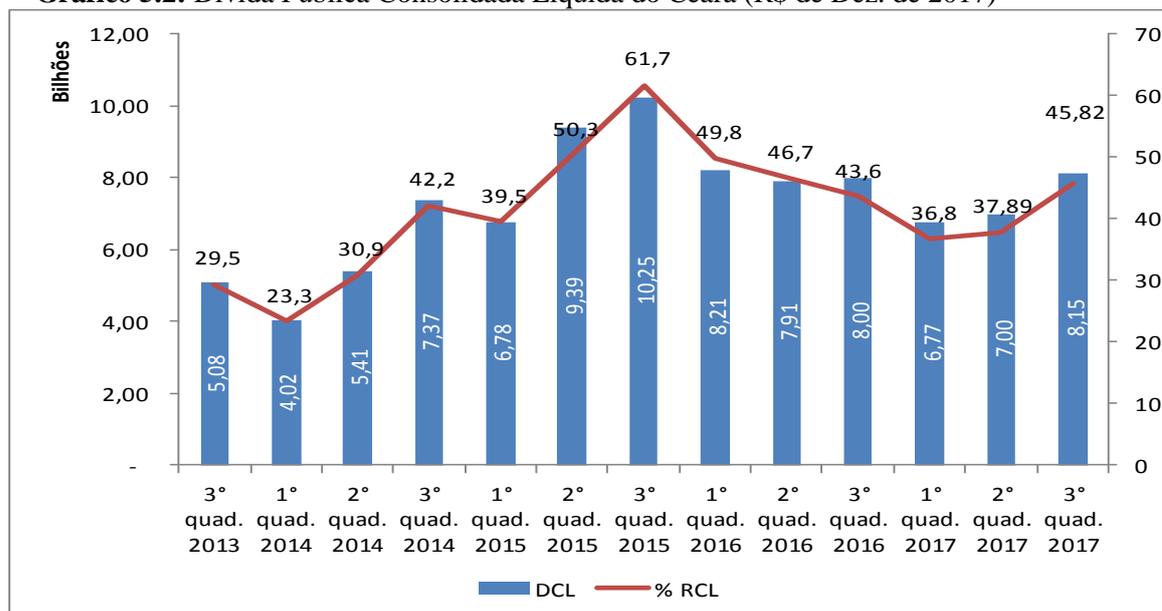
Tabela 5.2: Despesas do Governo Estadual no Quarto trimestre de 2016 e 2017 (R\$1.000,00 de 4º trim. 2017)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2016		2017		Var (%)	2016		2017		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	6.002.544	85,1	5.997.798	78,8	-0,1	20.887.661	86,0	21.151.642	85,2	1,3
Pessoal e encargos sociais	3.045.176	43,1	3.082.611	40,5	1,2	10.915.911	45,0	11.129.341	44,8	2,0
Juros e encargos da dívida	123.551	1,8	165.059	2,2	33,6	466.403	1,9	456.168	1,8	-2,2
Outras despesas correntes	2.833.816	40,2	2.750.128	36,1	-3,0	9.505.347	39,2	9.566.132	38,5	0,6
Despesas de capital	1.055.013	14,9	1.611.040	21,2	52,7	3.387.796	14,0	3.682.540	14,8	8,7
Investimentos	769.891	10,9	1.097.711	14,4	42,6	2.261.245	9,3	2.484.895	10,0	9,9
Amortizações	234.676	3,3	427.141	5,6	82,0	885.222	3,6	997.067	4,0	12,6
Inversões financeiras	50.447	0,7	86.188	1,1	70,8	241.328	1,0	200.578	0,8	-16,9
Reserva de contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	7.057.557	100,0	7.608.838	100,0	7,8	24.275.456	100,0	24.834.181	100,0	2,3

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do quarto trimestre

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 5.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do primeiro quadrimestre de 2014 ao terceiro quadrimestre de 2015; já nos quatro quadrimestres seguintes houve uma queda da dívida líquida do Estado de, aproximadamente, 3,48 bilhões de Reais, voltando a crescer nos dois últimos quadrimestres de 2017. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 45,8% da Receita corrente líquida, no final de 2017.

Gráfico 5.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Dez. de 2017)

Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,6%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

Na economia nacional, o PIB apresentou crescimento de 1,0% em 2017, com o bom desempenho da agropecuária (13%) sendo influenciada, principalmente, pela agricultura, com destaque para as lavouras do milho (55,2%) e da soja (19,4%). Na Indústria, destaque para a alta na indústria extrativa (4,3%), e a queda na construção (-5,0%). Entre as atividades que compõem os serviços, comércio cresceu 1,8%, seguido por atividades imobiliárias (1,1%), transporte, armazenagem e correio (0,9%) e outras atividades de serviços (0,4%).

Com relação a economia cearense, no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, a economia cearense apresentou um crescimento de 3,24%. Este resultado consolida a recuperação da economia cearense iniciada no segundo trimestre de 2017. Para o ano de 2017, observa-se um crescimento de 1,87%, após dois anos de retração.

A produção de grãos no Estado do Ceará, no ano de 2017, cresceu 183,22%, com relação a safra de 2016, com destaque para as culturas do milho e feijão, que cresceram 225,7% e 135,3%, respectivamente. Ressalta-se que as culturas do milho e feijão juntas respondem por 95,6% da produção total de grãos do estado do Ceará.

Esse desempenho positivo da produção de grãos em 2017 foi influenciado pela quadra chuvosa que foi mais favorável do que a ocorrida em 2016, tendo em vista que quase toda a produção de grãos no estado do Ceará é realizada sob o regime de sequeiro, ou seja, é dependente da ocorrência de chuvas durante seu ciclo produtivo, estando, portanto, sujeito às irregularidades climáticas existentes na região.

A produção de frutas em 2017 também apresentou melhor desempenho quando comparada com o ano de 2016. Verificou-se que a produção estimada de frutas frescas (exceto aquelas expressas em mil frutos), foi de 797.212 toneladas, registrando crescimento de 4,81%, comparada a produção de 2016 (760.590).

Mais especificamente, a produção de castanha de caju em 2017 registrou crescimento de 171,2%, com relação ao ano anterior. Porém, vale ressaltar que a safra, ainda assim, não foi considerada normal para o Ceará, ficando abaixo da capacidade de produção da área de colheita existente no estado. A safra de 2017 também apresentou problemas fitossanitários,

afetando o rendimento e redução de área de cajueiros da variedade comum. Já o Coco-da-baía registrou queda na produção de 2017, com relação ao 2016, em decorrência da falta de água.

Quanto a pecuária, o Ceará vem ganhando destaque nos produtos de origem animal, a destacar leite e ovos. Para o ano de 2017, estimou-se um crescimento de 10,4% na produção de leite e 10,9% na produção de ovos.

Após anos seguidos de redução na produção, a indústria cearense encerra o ano de 2017 com um crescimento alvissareiro. Ao longo do ano, a atividade acumulou resultados positivos e os números do último trimestre aumentam a confiança de uma retomada consistente e o início de um novo ciclo de expansão. Por outro lado, algumas incertezas continuam presentes e podem modificar a dinâmica de recuperação.

No último trimestre do ano, um conjunto de características do atual momento de expansão da manufatura local, presentes desde os trimestres anteriores, torna realista um cenário de recuperação consistente do setor. Tem-se, assim, um movimento de retomada cíclica após um longo período de quedas na atividade, uma sequência de trimestres com resultados positivos e um desempenho mensal estável, um crescimento disseminado pela quase totalidade dos setores industriais e puxado por segmentos tradicionais, de maior competitividade. Tais ingredientes conferem estabilidade e robustez ao movimento de recuperação que marca o ano de 2017.

Entretanto, incertezas quanto a continuidade do ambiente que favoreceu a recuperação da indústria nacional, em particular a cearense, podem alterar essa trajetória de retomada. De fato, o crescimento da indústria está apoiado em um ambiente econômico mais favorável, com destaque para estabilidade cambial, a forte redução da inflação, a contínua queda da taxa de juros, e a recuperação do poder de compra das famílias, que favoreceram a melhora das expectativas por parte dos agentes e a recuperação da demanda agregada.

Para a sustentabilidade do processo cearense, é preciso que os fatores favoráveis sejam preservados no futuro. Entretanto, incertezas ligadas ao ambiente político, especialmente em um ano de disputa eleitoral, com candidatos e plataformas econômicas diversas, podem tornar o cenário nebuloso, comprometendo a recuperação das expectativas e trazendo incerteza ao ambiente econômico. A necessidade de aprovação das reformas essenciais para a melhora do quadro fiscal do país, como a da previdência, aliada às dúvidas quanto à sucessão presidencial.

Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros apresentaram ao longo de 2017 comportamento bem heterogêneo. Nos Serviços Prestados às Famílias, tido como um dos principais segmentos, registrou expressivo

crescimento de 11,4% ao longo de 2017. Tal desempenho pode ter raízes associadas a conjuntura macroeconômica nacional: liberação das contas inativas do FGTS, inflação baixa e juros historicamente baixos, retomando, assim, parte da confiança das famílias. Adicionalmente, mantendo-se o atual cenário básico, esse segmento tende a recrudescer em 2018 dada a sua maior elasticidade renda da demanda.

Por sua vez, Serviços de Informação e Comunicação, Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares e Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio tiveram retração de 8,4%, 9,0% e 2,9%, respectivamente. Este primeiro segmento, mais intensivo em capital, revela que os investimentos no setor ainda não apresentaram resposta diante do cenário de estagnação dos períodos anteriores, assim como os Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares, associado preponderantemente a setores compostos por empresas.

No Índice de Atividades Turísticas (IATUR), pode-se destacar que tanto a expansão como a contração das Atividades Turísticas no Ceará tem ocorrido de forma mais expressiva com relação ao Brasil. A recuperação do setor tem-se mostrado mais célere quando comparado ao nacional.

No que tange ao varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção no cômputo do índice de variação das vendas do varejo, é notório um movimento robusto de recuperação tanto nas vendas do varejo nacional quanto do varejo cearense, não obstante o ritmo mais lento no último.

Além do mais, a sequência de dois bons resultados observados no terceiro e quarto trimestres do ano conseguiram reverter a trajetória negativa observada até então, passando a registrar variação positiva no acumulado do ano de 2017. Ou seja, o varejo nacional e cearense apresentaram nítida recuperação na comparação com os anos de 2015 e 2016.

A trajetória da variação do volume de vendas do varejo para o acumulado de 12 meses tanto para o varejo comum quanto para o varejo ampliado nacional e cearense, revela também que a partir de maio de 2017 o varejo ampliado já vinha registrando desaceleração da retração, alcançando variação positiva em novembro do referido ano.

No âmbito do mercado de trabalho, dados da PNADC Contínua revelam que desde que atingiu a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante ao longo de 2017, principalmente no estado. Neste quarto trimestre de 2017, o desemprego no Ceará ficou em 11%, um recuo de 3,3 p.p. com relação à máxima atingida de 14,3% no primeiro trimestre do ano. No Brasil, a Taxa de Desemprego também segue em queda desde a máxima histórica no mesmo período.

Além disso, o cenário de recuperação da atividade econômica tem levado pessoas Fora da Força de Trabalho a retorna a Força de Trabalho, o que explica o maior crescimento da Taxa de Atividade cearense.

É importante também observar que o desemprego ainda encontra-se em patamares elevados, considerando a mínima histórica alcançada no quarto trimestre de 2014. Por outro lado, o influxo de pessoas Fora da Força de Trabalho para a Força de Trabalho não permitiu uma queda ainda mais intensa do desemprego no estado.

Por sua vez, dados da CAGED do Ministério do Trabalho revelam que o elevado saldo negativo de empregos no Brasil observado no final do ano de 2017 não foi suficiente para impedir também um saldo negativo de empregos para o acumulado do ano em 20.832 vagas. Além disso, o ano de 2017 foi o terceiro a registrar saldo negativos de empregos no país com carteira assinada, porém, num patamar bem inferior aquele observado nos anos de 2015 (-1.534.989 vagas) e 2016 (-1.326.558 vagas), revelando dessa forma um movimento consistente de recuperação do mercado de trabalho nacional por apresentar uma nítida desaceleração do ritmo de destruição de vagas com carteira assinada.

O estado do Ceará, apesar das contribuições positivas dos últimos dois trimestres do ano, também não foi o suficiente para que o ano 2017 fechasse com saldo positivo de empregos celetistas. No entanto, semelhantemente ao ocorrido no país, o mercado de trabalho cearense também registrou um fechamento de vagas bem inferior ao observado nos últimos dois anos, 2015 (-34.336 vagas) e 2016 (-37.194 vagas), reforçando a desaceleração do ritmo de fechamento de postos de trabalho com carteira assinada.

Vale ressaltar que a destruição de postos de trabalho na Indústria de transformação foi bem menos intensa quando comparado ao ano de 2015 (-17.546 vagas) e 2016 (-9.820 vagas). Nota-se que a Construção civil também apresentou menor destruição de vagas na mesma comparação, 2015 (-12.223 vagas) e 2016 (-15.047 vagas), revelando, em parte, um cenário de desaceleração de crise.

No comércio exterior, o saldo da balança comercial cearense foi superavitário em US\$ 136,7 milhões no quarto trimestre de 2017, apresentando assim o melhor desempenho da série histórica iniciada em 2008. Dezembro foi o mês que apresentou melhor desempenho na balança comercial do ano, obtendo um superávit de US\$ 96 milhões.

Neste quarto trimestre de 2017, as exportações cearenses foram lideradas pelos *Produtos Metalúrgicos*. Nesse período foram exportados US\$ 329 milhões desse setor, representando 51,7% da pauta exportadora do estado. Em relação ao mesmo período de 2016 observou-se um crescimento de 123,72%.

A exportação de *Calçados* ocupou o segundo lugar no *ranking* da pauta cearense no quarto trimestre de 2017, tendo o setor participado com 15,9% da pauta (US\$ 101 milhões). Em comparação ao mesmo período de 2016, o setor aumentou suas vendas em 6,8%. Por sua vez, as vendas externas de *Frutas* voltaram a crescer no terceiro trimestre de 2017, apresentando variação de 49,2%, atingindo o montante de US\$ 58,5 milhões. Esses produtos ocuparam o terceiro lugar na pauta exportadora cearense.

Já as importações foram lideradas pelo grupo de *Combustíveis Minerais*, e alcançou o valor de US\$ 185 milhões, correspondendo a 37% da pauta de importação do Ceará com crescimento de 51,9%, em relação ao mesmo período de 2016. Os *Produtos da Indústria Química* seguem em segundo lugar do *ranking* da pauta importadora do estado, com o valor de US\$ 65,5 milhões no quarto trimestre de 2017. A importação dos produtos desse grupo apresentou crescimento de 50,7%, em relação ao mesmo período de 2016. A importação de *Cereais* atingiu o valor de US\$ 47,2 milhões no quarto trimestre de 2017, ocupando o terceiro lugar da pauta de importação do Ceará. Comparado com o quarto trimestre de 2016, as importações de cereais caíram 44,5%.

Finalmente, no aspecto das finanças públicas estaduais as reduções das receitas no ano de 2017, comparativamente ao ano de 2016, deve-se ao significativo volume de receitas não recorrentes ocorridos no quarto trimestre de 2016 decorrentes da repatriação de recursos promovida no ano de 2016 e das receitas extraordinárias, de ITBI – Imposto ITCD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis ou Doação, de Quaisquer Bens ou Direitos, que totalizaram R\$ 535 milhões).

No acumulado do ano também se verifica, embora em menor proporção, decréscimo da RCL em 2017. Frise-se, mais uma vez, que esse comportamento é uma decorrência das receitas não recorrentes do quarto trimestre de 2016.

Além do mais, as receitas de ICMS, no quarto trimestre de 2017, atingiram o maior nível desde o 4º trimestre de 2014, sendo possível constatar que, em desde o segundo trimestre de 2017, as receitas de ICMS estão superiores as de 2016. Esse comportamento é um possível resultado da recuperação da economia local.